

ACHE

NAKED BOOK FIVE

Livro #5

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

KELLY FAVOR



Naked #5

Ache

Kelly Favor



Ache

(Dor)

Naked #5

Revisão Inicial: Renata Santos(ARE)

Revisão Final: Solange Inocente(ARE)

Formatação: Rozé Franzin(ARE)

Distribuição: Grupo ARE





Durante muito tempo, tudo simplesmente estava escuro. O mais profundo e escuro negrume que Caelyn jamais poderia ter imaginado e ainda assim era mais escuro. Caelyn sabia que ela tinha sofrido um terrível acidente. Era o que ela sabia com certeza. Todo o resto era uma espécie de mistério.

Desvanecendo, a escuridão levantou ligeiramente, como uma cortina subindo, mas ela ainda estava em algum tipo de nevoeiro.

— Depressa, Jake. Aprese-se. - Uma voz soava familiar, mas Caelyn não podia falar. Ela realmente não podia sequer ver. Por alguma razão, porém, ela ainda podia ouvir.

Uma voz em pânico. — Eles estão muito feridos.

— Basta pegar a bolsa e a arma. Qualquer outra coisa que poderia levá-los ou a nós em apuros.

— E Elijah?

— Os policiais e paramédicos estão a caminho, Jake. Você não pode ouvir as sirenes?

— Foda-se, eu não posso acreditar que você..

— Dá-me o saco de droga Jake e cale a boca.

E, em seguida, a cortina das trevas baixou mais uma vez, bloqueando o mundo.

Desvanecendo dentro

Não havia tanto medo como não poderia ter tido. Era tudo muito confuso.

Tudo era diferente, não havia nada que realmente sentisse. Foi tudo apenas acontecendo, como se a ela estivesse sendo permitido ouvir certos trechos de falas e outras partes da conversa foram rejeitadas para que ela não pudesse ouvir.

Era impossível fazer sentido de tudo isso e Caelyn não estava realmente tentando.



Por favor, deixe Elijah ficar bem.

Havia sirenes agora, altas em seus ouvidos e vozes também. Comoção.

— Cristo, olhe para isto. Nós vamos precisar ter o helicóptero aqui fora.

— Você acha?

— Ela está em mau estado.

— E ele?

— Ele tem um tiro, mas é com a cabeça que eu estou preocupado. Trauma cerebral.

O tempo passou, não rápido ou lentamente, ela estava simplesmente ciente de que ele estava passando.

Eventualmente, ela se tornou consciente do som de um motor muito alto, de movimentos, de silencio, tons baixos. As coisas estavam ficando cada vez mais confusa.

Ela mais uma vez pensou em Elijah. O pensamento dele trouxe uma sensação de perda, uma sensação de que isso estava errado e ela devia estar com ele agora.

Eu não quero passar por isso sozinha, Elijah.

Escuridão.

Quando ela desapareceu de novo, ela podia ver.

Foi vago e distante, como se estivesse vendo o mundo através de um telescópio. Ela podia ver uma sobrecarga de teto, sussurrando por ela. E havia pessoas que a transportavam ou não ..., rolando-a em algum tipo de engenhoca.

Estou deitada em uma cama de hospital, ela pensou. Estão me empurrando para baixo, num corredor.

Os rostos acima dela olharam para baixo com muita preocupação.

Um deles ficou surpreso. — Ei, eu acho que ela está acordada. Ela está olhando para mim.



Outro rosto virou para baixo e estudou também. — Provavelmente apenas um reflexo. Seus olhos não estão focados. Caelyn, você pode falar? Você pode nos ouvir?

Ela queria *responder: É claro que eu posso ouvi-lo, eu não estou surda.*

Mas as palavras não saiam. Era como se alguém tivesse congelado os lábios na posição, estava tão dopada que não podia reunir o suficiente para responder.

— Veja, ela está totalmente desaparecida. Trauma cerebral típico. Precisamos levá-la no CAT para varredura, rápida.

E então ela se foi, mais uma vez.

Caelyn estava sozinha na escuridão novamente. Ela estava esperando por alguma coisa, não tinha certeza de quem ou o que ela ainda era. Não havia palavras, sem pensamentos, sem sentimentos, sem sensações qualquer.

Mas ela ainda estava lá. Era tranquilo.

E então, lentamente, ela teve seu primeiro pensamento.

Eu sinto muita falta dele.

Mas quem é que ela perdeu?

Ela não conseguia lembrar-se muito bem essa parte.

Havia um anseio, um profundo buraco, profundo. A perda.

Por favor, não me deixe...

Elijah.

Esse nome trouxe-a de volta a si mesma. Elijah. Onde ele estava? Como ela poderia encontrá-lo na escuridão?

E, em seguida, a escuridão começou a se dissipar, com a noite se transformando lentamente em dia, os raios do sol aquecendo e iluminando o mundo. Um som alto soou em toda a cabeça, quando ela lentamente se forçou a abrir os olhos mais uma vez.



O esforço de abrir os olhos era imenso. Levantar uma pedra parecia que teria sido mais fácil do que abrir os olhos naquele momento.

Ela estava em um quarto de hospital, mas demorou um pouco para registrá-lo. Algo estava quebrado.

Quarto branco, tubos, lençóis brancos, frios e a terrível dor feroz vibrou ao longo de todo o seu corpo. A dor era tão forte, na verdade, que a princípio ela nem sequer reconheceu-a como dor. Era como estática de uma estação de rádio, aos berros, até que ela percebeu que não havia nenhum ruído.

E foi aí que ela percebeu que ela estava em agonia horrível.

Ela tentou reclamar, mas não havia muito vindo dela, seus lábios estavam dormentes, curiosamente sem vida.

Seus olhos rolaram em direção à porta para seu quarto.

Beep. Beep. Beep. Beep.

Ela ouviu o sinal sonoro constante, e outro chiado separado, como uma bomba.

Ela estava olhando para a porta por algum motivo, ainda que estivesse vazio o corredor. Ocasionalmente, ela viu alguém passar, uma enfermeira, um médico, ninguém olhou para ela.

E então, depois do que pareceram horas, alguém começou a entrar em seu quarto.

Não era um médico ou uma enfermeira. Era um paciente.

Ela sabia disso, porque o paciente estava usando um vestido do hospital, e arrastando uma IV quando entrou no quarto.

O rosto da pessoa era tão familiar, e ainda assim estava estranhamente machucado, cortado e inchado.

Eu o conheço, pensou. Eu o conheço.

A dor em seu corpo estava se afastando um pouco, enquanto ela olhava sem compreender a pessoa espancada e ferida que mancava em direção a sua cama.



Seus olhos olhavam com horror para ela.

Hey, você não parece tão melhor mesmo, pensou ela.

— Caelyn ... - ele sussurrou com os lábios inchados. — Caelyn, não. Não.

E então ela percebeu quem era *ele*.

O nome estava na ponta da língua. Ela sabia que ele era o seu amor. Ela sabia que ele era seu anjo, seu salvador.

Ela tentou sorrir para ele.

Elijah.

Isso mesmo, ela pensou. É Elijah. Quem mais estaria lá? Quem mais poderia ser?

Caelyn não tinha certeza de como ela o conhecia ou o qual era sua história. Ela simplesmente sabia que eles estavam destinados a ficar juntos.

Na escuridão, eles estavam separados, mas ele veio para ela e agora as coisas ficariam bem.

Seu rosto estava profundamente triste quando ele andou mais perto de sua cabeceira. A bolsa no IV balançou em seu estande quando ele quase perdeu o equilíbrio. E então ele se endireitou, fazendo uma careta e estendeu a mão para pegar a dela.

Ela podia sentir seu calor e seu amor através do toque suave de sua pele. Sua dor foi embora completamente naquele momento, enquanto segurava a mão dela, seu coração se encheu de gratidão.

— Eu sei que você pode me ouvir, Caelyn. Você está olhando para mim, não é garota? Você me vê? Apenas acene. Ou pisque duas vezes. Dê-me um sinal.

Ela tentou dar um sinal, mas nada estava funcionando. Até mesmo seus olhos não estavam sob seu controle. Eles rolaram em sua cabeça, primeiro para um lado e depois o outro. Ela gemeu um pouco de frustração. Mas então, ela continuou gemendo, ritmicamente, os gemidos continuaram chegando.

— O que há de errado, Caelyn? Você está machucada - ele perguntou,



inclinando-se para tentar ouvi-la mais de perto. — Diga-me o que está errado - disse ele.

Ela podia ouvir a agonia em sua voz e sabia que ele estava andando só por pura vontade e determinação. Sua respiração era irregular e superficial.

Enquanto isso, Caelyn podia ouvir-se gemendo como se de uma grande distância, os sons que vinham de dentro de seu peito, como ondas que construíram e desconstruíram com som e, em seguida, desapareciam novamente.

Elijah balançou a cabeça.

— Desculpe-me, o que você está fazendo? - Alguém gritou atrás dele.

Elijah virou-se lentamente. — Esta é a minha namorada - disse ele.

— Você não deveria estar aqui. De que andar você veio? - A mulher perguntou, sua voz era cheia de suspeita.

— Ouça-a gemer. Ela está em um monte de dor. Ela precisa de remédio.

— Você não é vítima de bala? Você deveria estar lá em cima, na cama.

— Eu não dou a mínima para mim. Basta dar a ela um remédio maldita - ele rosnou.

Agora Caelyn podia ver a enfermeira quando ela se aproximou e olhou para Elijah. — Você não devia nem mesmo estar de pé agora. Eu ouvi tudo sobre o seu caso, você é o ferido de bala e você bateu seu carro.

A atenção de Elijah foi direcionada totalmente em Caelyn. Ele lambeu os lábios rachados. Seu rosto estava em tons de roxo, azul e preto dos hematomas e inchaço.

Ela tentou dar-lhe um sinal, para tentar dizer-lhe que ela sabia o que estava fazendo em seu nome, mas era impossível. Seus olhos vagaram, totalmente fora de seu controle. Finalmente, os olhos reverteram em sua cabeça e tudo ficou escuro mais uma vez.

Ela ainda podia ouvir, no entanto.

— Olhe para ela - disse Elijah.



— Você precisa ir embora, senhor. Agora.

— Olhe para os olhos. Ela precisa de ajuda! Ela precisa de ajuda!

Eu?

Talvez ela não precisasse de ajuda. Sua própria voz interior estava começando a desaparecer, escurecer, escuridão.

E ela estava começando a se mover mais longe de Elijah, embora ela resistisse com força. Era como se uma corrente invisível fosse puxando-a através da escuridão e Elijah foi desaparecendo, juntamente com tudo o resto.

As outras coisas que ela não gostava. Apenas ele. Apenas ...apenas ...

Não vá ...

Não ...

Elijah.

Ela tinha começado a sonhar. O estranho era que ela sabia que estava sonhando.

E ao contrário de sonhos normais que ela teve em parte de sua vida, esses sonhos faziam sentido total e absoluto.

Eles se agruparam na escuridão, redemoinhos de cores que brotaram em sua existência. Os redemoinhos de cor começaram a se formar em contornos e, em seguida, as formas começaram a se formar imagens. Árvores.

Belas árvores, com diferentes folhas coloridas em queda, tão brilhantes como todas as árvores que ela já tinha visto.

Caelyn não podia acreditar na vivacidade dessas cores. E os cheiros. Ela podia sentir o cheiro das folhas e grama, e até mesmo o ar, quando uma rajada de vento soprou.

Ela estava olhando para a casa de seus pais.

Sua mãe, seu pai e Deena corriam no carro de seu pai. Os três pareciam



afritos, com rostos cobertos de lágrimas e inchados.

Deena, no entanto, parecia ser a pior. Ela soluçava no casaco de sua mãe, quando eles fizeram o seu caminho para o carro. — Está tudo bem Dee Dee - disse a mãe.

— Vai ficar tudo bem.

— Não - Deena lamentou. — Ela vai morrer, eu sei disso. - Mais soluços.

— Ela vai viver. Ela vai lutar, Caelyn sempre foi uma lutadora, só Deus sabe.

Eles entraram no carro.

E então, como se ela tivesse mudado o canal, Caelyn estava assistindo a uma nova cena completamente.

Uma médica estava falando com seus pais numa área de espera do hospital. A médica era uma mulher alta e magra, com o cabelo louro acinzentado e as mãos frágeis. — Caelyn entrou com um ferimento na cabeça muito sério de seu acidente de carro, mas nós pensamos que tínhamos o inchaço sob controle - explicou a médica.

— E então o que aconteceu? Por que ela estava em cirurgia - perguntou a mãe de Caelyn.

— De repente, ela teve uma febre, quando fizemos nela uma outra varredura, descobrimos que seu cérebro tinha começado a inchar e havia um coágulo de sangue se formando. Tivemos que entrar e tirar o coágulo, o que nós fizemos.

— Então, ela está bem? - disse o pai dela, com a voz trêmula.

A médica suspirou. — Ela está em estado estável, mas crítico. Nós tivemos que colocá-la em coma induzido enquanto esperamos por sua temperatura baixar e o inchaço diminuir.

— Então, ela vai viver? - perguntou o pai. — Quais são suas chances?

— Eu não vou dar-lhe uma resposta definitiva, Sr. Murphy. Eu simplesmente não sei. O que eu sei é que nós demos a Caelyn uma grande chance. Nós removemos o coágulo, cuidamos do inchaço e agora nós estamos esperando que



ela vá fazer o resto e se recuperar. Temos de esperar para ver, eu estou preocupada.

Seu pai sacudiu a cabeça.

A cena pareceu se quebrar, e as cores rodaram por um longo tempo. Quando as cores refizeram mais formas, elas mostraram Caelyn em um quarto de hospital diferente.

Elijah estava deitado na cama, uma cortina em volta dele. Havia um policial baixo falando com ele, enquanto Elijah bebia Cerveja de Gengibre de uma garrafa.

— Então você não viu a pessoa que atirou em você, Sr. Daniels?

Elijah balançou a cabeça. — Não.

— E você não tem idéia por que alguém iria querer atirar em você - disse o policial, sarcasticamente, como se soubesse que Elijah não lhe daria uma resposta adequada.

— Bem, eu poderia não ser o cara mais popular no meu bairro.

O policial levantou a cabeça. — Por que isso? Você parece ser um cara tão legal.

— Porque eu gosto de ouvir Celine Dion no mais alto volume de meu aparelho de som. Mas nem todo mundo gosta Celine tanto quanto eu.

— Não tenho certeza que ela é a minha xícara de chá.

— Bem, então, você é mais parecido com os meus vizinhos.

— Você está me dizendo que você acha que alguém rastreado para baixo e atirou em você em um beco em Boston, porque você ouviu Celine Dion muito alto no seu apartamento.

—É tão bom quanto qualquer um palpite - Elijah deu de ombros. Então ele colocou o canudo na boca e tomou um gole.

— Olha, eu entendo que você tem esse código mudo - disse o policial.

— Código?



— Sim, você não quer delatar alguém. Você não quer sair como um informante. Mas quem atirou em você merece ir para a cadeia.

— Eu concordo. E eu espero que você possa encontrá-los, de alguma forma. Talvez eles vão perceber que eu estava certo sobre a grandiosidade de Celine Dion e transformar-se em fãs.

O policial sorriu. — Bem, se você não vai trabalhar comigo, acho que não há mais nada a dizer, Sr. Daniels.

— Estou com problemas com o meu conselho de liberdade condicional?

— Eu não vejo como. Você não tinha nada de ilegal em sua posse no momento do acidente e não há nenhum crime em ser baleado.

— Poderia ter me enganado, com o jeito que você está me interrogando sobre isso.

O policial fez uma careta. — Você acabou de melhorar, espero que não encontre algo. Ou que sua namorada acorde e nos conte uma história diferente...

À menção do Caelyn, Elijah empalideceu e obrigou-se a sentar-se na cama.

Seus olhos estavam esbugalhados e as veias dos músculos se destacaram em seus braços quando ele se sentou ali, olhando para o oficial. — O que quer dizer, se ela acordar?

O policial lambeu os lábios e olhou ao redor. — Você quer dizer... ninguém lhe disse nada sobre sua condição?

— Diga-me - disse Elijah. — Diga-me. Por favor. O que está acontecendo com ela?

O policial coçou a cabeça grossa de cabelo encaracolado. — Puxa, isso é difícil. - Ele olhou para Elijah e lambeu os lábios novamente. — Eu sinto muito em dizer-lhe que ela está em coma.

— Não. - Elijah tremeu. — Não minta para mim.

— Eu não estou mentando, filho.

— E não me chame de filho - Os braços de Elijah tremiam tanto que ele caiu



de costas na cama. — Não me chame assim.

— Olha, eu não queria ser o cara a te dizer.

— Ela não pode estar em coma.

— Sinto muito.

— Você pode descobrir mais alguma coisa? - Elijah perguntou, com seus olhos olhando para o teto.

— Você pode pedir a alguém para vir falar comigo, um médico ou alguém? Eu só preciso de saber. Eu preciso saber.

— Olha, eu vou ver o que posso fazer. - O policial começou a caminhar através da cortina que separava Elijah dos outros pacientes no quarto dele. Mas, em seguida, o oficial pareceu pensar melhor sobre isso e ele se virou novamente.

— Ei, eu aposto que eu poderia saber mais sobre a condição de sua namorada.

— Você pode? - perguntou Elijah, sua voz esperançosa agora.

— Sim. Tudo que você tem que fazer é refrescar sua memória sobre quem colocou a bala em seu estômago. Você faz isso e eu vou ter o médico aqui, pessoalmente atualizá-lo sobre a sua condição .

Elijah riu fracamente. — Claro que você vai. Claro.

As cores começaram a se agitar novamente, sangrando em um outro.

Elas sangraram na escuridão, e logo as cores tinham desaparecido completamente.

Desta vez, seus olhos se abriram, e ela podia controlá-los.

Um quarto branco nadou em foco. Era branco e frio e não havia tubos e bombas, ela estava deitada em lençóis brancos.

Havia outras pessoas ao seu redor.

Eles estavam falando. Na primeira, ela nem percebeu o que eles estavam dizendo, porque nada fazia sentido.



Finalmente, os olhos olharam para as três pessoas em pé, ao lado da porta. Eles eram muito familiares. Ela sabia quem eram todos os três. A mulher mais velha teve o caminho mais triste sobre ela, parecia que um leve vento poderia quebrá-la em pedaços completamente. E então, o homem mais velho só estava interessado em manter a mulher de cair aos pedaços.

A moça tinha um olhar muito irritado em seu rosto e Caelyn reagiu instantaneamente a ela.

Eu a conheço. Eu não gosto dela. Ela é cruel e má.

Os três eram como fantasmas. Eles estavam falando, mas no início era quase como se eles falassem uma língua estrangeira.

Eles zumbiam como abelhas. Buzzzzzz buzzz

—... Nunca vai acordar - disse a garota mais jovem.

— Não fale assim, Deena - disse a mulher mais velha.

Quando a mulher mais velha disse o nome da menina, Caelyn finalmente lembrou de que eram sua família. Ela não conseguia se lembrar de todas as coisas diferentes que tinham acontecido entre eles recentemente, era tudo um borrão.

O passado recente sentiu-se como se tivesse ocorrido há milhares de anos. Na verdade, ela não sabia o que era passado recente.

Ela estava lutando apenas para dar sentido ao presente.

— Dizem que a cada hora que passa sem acordar, piores são suas chances - disse o pai de Caelyn.

Mas eu estou acordada, Caelyn pensava.

Apenas, alguém está faltando. Eu nem sequer me preocupo com essas três pessoas. Eu me importo sobre ele.

Quem?

Ele.

Tinha esquecido e se lembrou dele antes, ela sabia disso. Ela esteve em



algum tipo de acidente terrível e ela ficou ferida. Talvez ela tivesse morrido mesmo e voltou à vida.

—... Nós podemos ir até o refeitório e comer alguma coisa - disse a mãe de Caelyn.

— Não podemos simplesmente sair e ir para Applebee? Há um bem perto daqui - Deena lamentou.

— Deena, a lanchonete está bem. Nós não queremos ficar fora por duas horas.

— Por que não? Não é como se ela estivesse indo a lugar algum.

Seu pai e sua mãe trocaram olhares. — Tudo bem - disse o pai.

— Não - respondeu a mãe. — Nós não estamos deixando o hospital para ir para Applebee. Isso é um absurdo. Minha filha está em coma e eu não vou a lugar nenhum.

— Sua filha? Ela é minha também.

— Não lutem por cuja filha de quem ela é - disse Deena com raiva, — É como uma cena patética de um filme Lifetime. Além disso, nenhum de vocês foram sequer falar com ela.

Os três continuaram discutindo assim quando eles deixaram o quarto do hospital e foram para o corredor.

Quando eles foram embora, o quarto desceu de volta em relativo silêncio. Caelyn ficou aliviada que tinham saído. Seus olhos avaliaram a sala de forma mais completa e ela se concentrou em tentar falar.

Preciso dizer alguma coisa. Eu preciso saber se eu mesma posso dizer alguma coisa.

Esse pensamento a assustava. E se ela permanecesse trancada em seu corpo, sem nunca ser capaz de comunicar sua consciência para o resto do mundo?

Eles assumiriam que ela era um vegetal, morte cerebral. Eles iriam tratá-la



como tal.

Caelyn lutou para tentar mover um músculo. Primeiro os pés, depois as mãos e, na sua falta, ela piscou. O piscar assegurou a ela que ela poderia pelo menos fazer alguma coisa em algum lugar em seu corpo.

Em seguida, ela tentou mover os lábios.

Eu só preciso ser capaz de falar, até mesmo um sussurro.

E então ela pensou em Elijah. Elijah. Sua imagem flutuava à superfície de sua mente, lutando como uma bola oito mágica.

Tente novamente mais tarde.

Mas ela não podia, tinha que fazer isso agora. E se Elijah pensasse que ela estava morta também? E se ele desistisse dela?

Ele nunca vai desistir de mim.

Mas, eventualmente, ela sabia que ele faria. Era impossível alguém se anular por uma pessoa que já não pensava que sequer existia.

O medo causou gotas de suor saindo em sua testa. Um baixo gemido escapou de seus lábios.

Só então, uma enfermeira entrou no quarto com uma bacia e uma toalha. A enfermeira não estava nem prestando atenção a Caelyn. Ela era baixa e atarracada, com cabelos cor de fogo que estava quase laranja. Ela tinha a pele pálida e sardas, mas Caelyn pensou que ela parecia amigável.

Algo sobre os movimentos da mulher confortou Caelyn.

— Você tem uma toalha, querida - disse a mulher, olhando para o gráfico de Caelyn quando pousou a bacia para baixo nas proximidades.— Você sempre precisa obter um pano frio agradável em seu rosto, não é?

Caelyn realmente não se lembrava de alguma vez obter uma toalha no rosto por esta mulher, mas parecia bom. Ela viu quando a enfermeira encheu a bacia com água e, em seguida, mergulhou o pano nela, torceu a maior parte da água para fora e, em seguida, veio para o lado de Caelyn.



— Oh, você tem os olhos abertos hoje, querida. - A enfermeira sorriu para ela.

Caelyn abriu a boca e um gemido baixo escapou.

A enfermeira deu um passo para trás em estado de choque, a boca registrou grande surpresa. Ela olhou para Caelyn. — Você está realmente acordada? Você pode me ouvir?

Caelyn tentou assentir ou fazer um movimento, mas nada estava cooperando. Apesar de, de repente, por pura força do esforço, ela sentia em seus pés um grande vacilo. Mas era muito pequeno o movimento para ganhar a atenção da enfermeira.

— Está tudo bem, você pode falar comigo. Eu não vou morder, eu prometo. - A enfermeira se aproximou novamente e deu um tapinha na testa de Caelyn com o pano. Isso a fez se sentir bonita, e Caelyn sentiu sua boca tremer em um sorriso.

— Ora, eu acredito que você está me vendo. - A enfermeira olhou perplexa. — Eu tenho que dizer a alguém, porque isso é uma grande novidade. Você sabia disso?

Caelyn tentou dizer que sim. Tudo o que saiu foi um gemido. Mesmo ela gemendo era quase inaudível.

A enfermeira voltou e gingando rapidamente para fora da sala.

Caelyn esperou.

Eu estou realmente acordada neste momento, ela pensou. Ela piscou duas vezes. Este foi o período mais longo que ela tinha estado acordada, ela não tinha certeza de quanto tempo passou.

Ela se sentia exausta, no entanto. Ela já estava querendo voltar a dormir.

Mas ela sabia que se fizesse isso, poderia ser ruim. Essa enfermeira tinha ido pedir ajuda e se Caelyn queria que alguém acreditasse que ela estava viva e consciente, ela precisava, pelo menos, manter os olhos abertos.

Mas a cada segundo que passa, Caelyn se viu lutando para permanecer



acordada.

O sono a estava puxando, acenando.

Seus olhos finalmente fecharam, mas ela obrigou-os a abrir novamente.

Finalmente, a enfermeira de cabelo vermelho voltou com outra mulher que parecia muito irritada, como se ela tivesse sido arrastada para fora de fazer algo muito importante, fazer algo que ela considerava irrelevante.

— Você entende que muitas vezes um paciente em coma vai abrir os olhos, até mesmo fazer barulho, isso não significa que eles estão realmente acordados e conscientes - disse a mulher tensa.

— Eu sei disso - disse a enfermeira ruiva. — Mas esta é diferente.

A mulher irritada tinha cabelo escuro, curto e uma verruga acima do lábio. Ela suspirou com impaciência e foi para o lado da cama de Caelyn, olhando para ela. — Caelyn? Você está me ouvindo? - Ela estalou os dedos na frente do rosto de Caelyn e depois para o lado.

O olhar de Caelyn seguiu os dedos para a nova área onde ela parou. Os olhos da enfermeira se estreitaram. Em seguida, ela moveu a mão e parou novamente. Os olhos de Caelyn seguiram sua mão. — Bem, você tinha razão para me trazer aqui, Helen.

Caelyn percebeu que Helen era o nome da enfermeira do cabelo vermelho.

A enfermeira tensa tomou uma lanterna fora e brilhou nos olhos de Caelyn, movendo-a para trás e para frente.

— Ela está seguindo- Helen gritou com alegria.

— Isso não significa necessariamente que ela está fora de seu coma. Precisamos fazer mais testes extensivos.

A enfermeira tensa estava à esquerda e Helen ficou ao lado de Caelyn, acariciando seus cabelos.

— Ela é um pouco idiota - Helen sussurrou, sorrindo. — Mas ela é muito boa em seu trabalho.



Poucos minutos depois, um médico entrou no quarto. Ele era muito jovem, ele parecia apenas estar fora da escola. — Oi, eu sou o Dr. Amit Ramachandran - disse ele.

— Eu sou Helen, a Auxiliar de Enfermagem.

— Oi, Helen - disse ele, mal olhando para ela. Ele estava estudando Caelyn com seus grandes olhos castanhos. Seu cabelo escuro estava penteado para trás, mas alguns fios pendurados sobre a testa. — Então, parece que estamos pensando que a Srta. Murphy está começando a despertar de seu coma. É isso mesmo?

— Sim, eu notei que ela estava me observando e ela parecia estar tentando vocalizar um pouco quando falei com ela, como se ela estivesse tentando se comunicar comigo.

— Uh huh. - Amit chegou mais perto e se inclinou em direção Caelyn. — Você pode me ouvir, Caelyn? Diga que sim, se você puder.

Ela estava exausta. Seus olhos queriam fechar, mas ela sabia que era importante ela ficar acordada. Caso contrário, eles realmente acreditariam que ela ainda estava em seu coma. Ela tentou dizer que sim, mas era difícil até mesmo fazer um barulho. Ela tentou, no entanto. Reunindo o último de sua energia, ela tentou empurrar para fora a palavra — sim.

Tudo o que saiu foi um sopro, um suspiro.

Mas as sobrancelhas do médico levantaram-se quando ela fez o barulho.

Helen sorriu conscientemente. — Eu lhe disse, ela está acordada.

Amit olhou para Caelyn, sua expressão mais intensa agora. — Caelyn, estamos aqui para ajudá-la. Você está no Hospital da Cidade de Boston, em nossa unidade de cuidados intensivos. Você esteve em coma durante os últimos dias, mas você tem os melhores médicos do mundo que cuidam de você.

— E as enfermeiras - acrescentou Helen.

— Desculpe-me?



— Você disse que tinha os melhores médicos do mundo. Ela também tem alguns dos melhores enfermeiros no mundo que cuidam dela.

Os lábios de Amit enrugaram em algo parecido com um sorriso. — Sim, Caelyn, os melhores profissionais da área médica, de todo o mundo estão aqui para ter certeza de que uma recuperação completa será possível. O que acha disso, Caelyn? Isso é bom?

Ela queria acenar com a cabeça, mas ela apenas piscou. Ela só precisava dormir agora.

Eles acreditavam que ela tinha acordado de seu coma.

— Eu preciso fazer alguns testes, Caelyn - disse Amit. — Tenho certeza de que você está confusa e cansada, talvez com um pouco de medo porque algumas de suas funções motoras ainda não retornaram. Isso tudo é perfeitamente normal. Você está nos estágios muito iniciais de tal coisa. Você teve uma lesão cerebral traumática e você tem muita sorte de estar viva. Então, agora que vai levar algum tempo e esforço para começar o processo de cura. Você me entende?

Ela queria que ele parasse de falar, mas foi reconfortante ouvi-lo dizer essas coisas. Ela tentou dizer que sim. E mais uma vez, tudo o que veio de seus lábios era um sussurro de um gemido.

Helen bateu palmas. — Ela está tentando responder-lhe!

Amit cruzou as mãos atrás das costas. — Ela certamente parecia estar tentando dizer. - Ele olhou para suas mãos. — Você pode mover um dedo para mim, Caelyn?

Caelyn inalou. Esta era uma tortura, não era? Apenas mantendo os olhos abertos era como correr a última milha de uma maratona, e aqui este homem estava dizendo a ela para realmente mover um dedo inteiro! Mas ela colocou sua mente para isso.

Basta mover o dedo, Caelyn. É fácil. Um bebê pode fazê-lo.

Ela concentrou toda a sua atenção na mão esquerda, o que era visível para o médico. E foi como se houvesse um peso enorme, uma pedra, caída em sua mão,



esmagando-a sob o seu peso.

Basta fazer um pequeno movimento para o médico, é isso, e então você pode parar.

Suor eclodiu na testa. Seu pulso estava acelerando, evidenciado pelo bip do monitor que começou a aumentar.

Helen percebeu. — Ela está se esforçando - disse.

Amit olhou para o monitor e, em seguida, de volta para Caelyn. — Só um dedo e vamos parar por agora.

Ela podia sentir-se tremendo por dentro da tensão. Mas a promessa de ser capaz de parar de empurrar tão duro ela realizou o que foi pedido a ela, Caelyn fez o esforço extra e colocar tudo o que tinha para mover o dedo indicador para fora da cama.

Justamente quando ela pensou que teria que desistir, justamente quando ela estava certa de que nada iria mudar, afinal de contas, o dedo indicador começou a subir. Antes que ela percebesse, Caelyn tinha levantado o dedo que parecia estar apontando para os pés.

— Bem feito - disse Amit.

Seu dedo caiu para a cama e ela fechou os olhos.

— Eu acho que foi muito difícil para ela - disse Helen.

— Sim, um monte de coisas será difícil nos próximos dias - respondeu o médico. — Com licença, eu deveria ir discutir o seu caso com o médico assistente.

Caelyn estava apenas feliz por finalmente poder descansar.

Apenas descansar, isso é tudo que eu quero, ela pensou.

Mas não era realmente verdade que o descanso era tudo o que ela queria. Havia alguma coisa, não, alguém.

Elijah.

O nome dele era como uma oração. *Elijah.*



Acordar era diferente agora.

Seus olhos se abriram para encontrar meia dúzia de médicos circulando em torno de sua cama, observando-a. Um deles, um homem mais velho, de cabelos brancos, a fez lembrar de Albert Einstein. Ele se adiantou e falou diretamente com ela.

— Oi Caelyn, meu nome é Doutor Goldfarb. É bom vê-la acordada. Você pode ouvir e compreender-me? Você pode responder verbalmente ou apenas acene se for mais fácil agora.

Caelyn chupou o ar. Ela estava confusa, tentando lembrar-se de onde estava e como tinha chegado lá.

Então, depois de um pouco de esforço para recordar os detalhes, foi inundado de volta para ela.

Estou no hospital. Eu estava em coma e agora estou saindo dele.

E o que dizer de Elijah? Ele chegou a visita-la, uma vez que ela lembrava, mas ela não o tinha visto desde então.

— Caelyn? - Disse Goldfarb. — Você pode me entender?

Ela tentou falar e achou difícil, então ela tentou acenar com a cabeça em seu lugar. Demorou alguns segundos, mas depois encontrou a cabeça lentamente se movendo para cima e para baixo. Levou um monte de energia para fazer isso acontecer.

— Muito bom, Caelyn - disse o velho médico. Ele tinha o hábito de esfregar o nariz oleoso como se ele quisesse espirrar e estivesse tentando segurá-lo de volta.

Dr. Goldfarb começou a explicar-lhe que ela tinha estado em coma, o que ela já sabia. Então ele começou a contar-lhe sobre a natureza de lesões cerebrais traumáticas, e como elas eram muito difíceis de recuperar. Ele mencionou algo sobre a "Escala de Coma de Glasgow" e alguma outra escala e de teste, nenhum dos quais significava nada para ela.



Mas os outros médicos estavam concordando com o que ele estava dizendo, então ela supôs que era importante.

— Nós vamos ter que começar com a sua reabilitação imediatamente, Caelyn. -Goldfarb disse, esfregando o nariz e, em seguida, limpando a mão em seu jaleco. — Estudos descobriram que os maiores avanços vêm nos primeiros dias e semanas após uma lesão, como a sua. Queremos facilitar tanto a cura imediatamente quanto é humanamente possível. Será que isso faz sentido?

Ela assentiu com a cabeça.

— Sua família está muito animada com o fato de que você acordou, por isso estamos indo deixá-los vê-la em apenas um momento. Gostaria disso?

Goldfarb esperou ansiosamente para ela acenar com a aprovação. Ela não acenou a cabeça, e os médicos trocaram olhares.

— Parece confusa - alguém murmurou.

— Provavelmente apenas cansada - Goldfarb respondeu.

Eu não estou cansado, Caelyn pensava. Bem, eu estou cansado. Mas isso não é tudo. Não é minha mãe e pai, e não é Deena, quem eu quero ver.

Preciso de Elijah. Onde ele está? Por que não está aqui?

Ela abriu a boca e sua voz saiu lentamente e muito fraca, como uma velha porta rangente que acabou caindo aberta depois de anos sem uso.

— Eh ... Eh li

Os médicos se moveram para a frente, todos ao mesmo tempo, a fim de ouvir mais claramente. Teria sido engraçado se ela não tivesse lutado tão duro apenas para dizer uma palavra simples.

— El ... i .. jah.

— O quê? - Disse Goldfarb, aproximando e inclinando-se ao lado de sua boca.

— Não tente projetar, Caelyn. Você pode sussurrar em meu ouvido.

Ele virou a orelha peluda para a boca e Caelyn convocou uma respiração profunda.



— Elijah - ela tentou gritar, só que realmente saiu como um sussurro. E depois que ela disse o nome dele, ela caiu em si mesma, mais uma vez se sentindo como se tivesse sido executado por horas.

— Ela disse 'Elijah - Dr. Goldfarb anunciou, de frente para os outros médicos.

Um dos outros médicos levantaram a mão. — Talvez esse seja o nome de um parente.

— Não, esse é o nome do rapaz que ela estava quando teve seu acidente - disse uma médica do sexo feminino. — Eu estava em seu quarto um par de dias atrás. Ferimento de bala, trauma craniano leve.

— Foi ele liberado? - perguntou Goldfarb.

— Eu acredito que ele teve alta depois de alguns dias, já que a bala fez muito pouco dano, sem nenhum envolvimento dos órgãos internos.

— Bem, podemos ver se podemos entrar contato com ele - Dr. Goldfarb respondeu.

— Eu acho que ele está na sala de espera no momento - disse outro médico.

Todos se voltaram para aquele médico.

Dr. Goldfarb olhou fixamente para o médico. — Há quanto tempo ele está na sala de espera?

— Eu o notei mais cedo, perguntou sobre ela, porque eu pensei que parecia estranho. Ele está na sala de espera todos os dias durante horas, sentado ali, suponho, até que ela acordasse.

Caelyn não podia acreditar. Elijah estava lá esperando por ela, o tempo todo.

Emoções brotaram dentro do peito e ela sentiu uma explosão e, em seguida, havia lágrimas escorrendo pelo seu rosto.

— Ela está chorando - disse alguém.

Dr. Goldfarb veio em sua direção, seu rosto uma máscara de preocupação. — Não se preocupe, Caelyn, ele vai ficar bem. Você está segura aqui.



— Elijah - ela sussurrou. Foi difícil de fazer, mas ela precisava deles para saber o quão importante ele realmente era para ela.

Dr. Goldfarb endireitou-se, esfregando o nariz brevemente antes de decidir. — Ok, nós vamos ter essa pessoa, traga-o para o quarto imediatamente.

— Doutor, eu acredito que há um problema com os pais.

— Ela é maior de idade, doutor ...

Todos eles se reuniram em conjunto e começaram a conferir. Mas Goldfarb sorriu para Caelyn quando eles acabaram. — Nós vamos estar de volta em um momento - disse ele, e afagou-lhe a mão. — Você simplesmente descanse.

Ela não queria descansar. Ela queria Elijah.

Caelyn sentiu vontade de gritar, se debater e ter um acesso de raiva. Se Elijah estava no hospital esperando para vê-la, então eles deveriam trazê-lo dentro. Não era justo deixá-lo na sala de espera, especialmente quando ela pediu por ele.

Os médicos deixaram a sala e Caelyn esperou, as lágrimas ainda escorrendo pelo rosto.

Depois do que pareceram horas, alguém se aproximou do quarto. Caelyn ouviu passos se aproximando e seu batimento cardíaco começou a acelerar em antecipação de ver Elijah entrando e vê-la acordada.

Ela não podia esperar para olhar em seus olhos e sorrir, deixá-lo saber que ela estava ciente dos sacrifícios que ele tinha feito. Ela queria mostrar a ele que o amava, não importa o que aconteceu.

Eu já admiti que o amo? Ela se perguntava.

Bem, eu vou lhe dizer agora, se eu puder.

Só que não era Elijah, que entrou na sala. Era sua mãe, seu pai e Deena.

Eles usavam expressões ansiosas em seus rostos. Sua mãe viu Caelyn e desatou a chorar.

Deena tentou consolá-la, mas o rosto de Deena estava comprimido e sua pele manchada com raiva.



Claro, Caelyn pensou, Deena odiava quando alguém estava recebendo atenção. — Mãe, está tudo bem. Vai ficar bem - Deena a consolou.

— Meu bebê - sua mãe gritou, e, em seguida, correu e jogou os braços ao redor Caelyn.

Ela enterrou a cabeça no ombro de Caelyn e chorou no tecido de seu vestido de hospital.

Os olhos de Caelyn deslocaram-se para assistir, mas ela só podia ver o topo da cabeça de sua mãe e cabelos finos, sob o couro cabeludo e, em seguida, sua mãe olhou para Caelyn através do rímel escorrendo.

— Você está realmente acordada - ela fungou. — Baby, você está viva.

Caelyn lambeu os lábios.

— Acho que ela vai falar. - disse o pai de Caelyn.

Os pais a olhavam com a respiração suspensa, enquanto Deena revirou os olhos para o céu e fez uma cara como se tivesse acabado de ser forçada a comer uma colher de sujeira.

— Elijah - disse Caelyn.

—O quê? - Sua mãe se encolheu para trás como se tivesse levado um tapa.

O pai de Caelyn estava mortificado. Sua mandíbula tremeu.

Deena olhou positivamente triunfante. — Ela apenas disse *Elijah*. Você pode acreditar que ela está pedindo por ele? Depois de tudo o que aconteceu?

— Mas por quê? Por quê? - Disse a mãe. — Eu não consigo entender por que ela iria dizer o nome dele, de todas as coisas que ela poderia dizer para mim.

— Talvez ela te odeie. - disse Deena.

A mãe e pai de Caelyn olharam para Deena, que apenas deu de ombros.

— Ela não te odeia - disse o pai de Caelyn, esfregando os ombros de sua mãe.

— Ela está ferida, confusa, ela acabou de sair de um coma. Ela não sabe, em qualquer estado de espírito, o que está dizendo.



— Eu acho que ela sabe - disse Deena.

Caelyn respirou e forçou mais o ar de seus pulmões e em sua garganta.

— Elijah - ela disse novamente, e desta vez ela praticamente gritou seu nome.

— Eu não posso ouvir isso - disse a mãe.

— Elijah - Caelyn respondeu. O monitor de frequência cardíaca começou a apitar mais rápido e mais rápido. — Elijah - Tomou outro fôlego. —Elijah!

Deena tirou seu telefone celular. — Será que alguém pode desligá-la?

Uma enfermeira entrou no quarto. — Está tudo bem?

— Não, não está - disse a mãe de Caelyn. — Francamente, é preciso explicar para o pessoal aqui que há um rapaz perigoso que a minha filha fica pedindo para ver.

A enfermeira olhou para Caelyn. — Ela está chamando por alguém? Ela não está em coma?

— Não, ela está fora de seu coma.

— E mais louca do que nunca - Deena murmurou.

— Elijah! - Caelyn gritou. Seu coração estava disparado. Pérolas de suor escorriam na testa. Ela nunca tinha gasto tanta energia sobre uma pequena coisa como falar o nome de alguém.

Parecia que ela realmente poderia morrer de falar, isso é quanto era difícil.

Mas a raiva era um combustível maravilhoso.

A enfermeira viu a cena e voltou sua atenção para a família de Caelyn. — Vocês podem sair comigo por um momento, por favor?

Os quatro saíram, deixando Caelyn sozinha, cansada, com lágrimas vindo aos cantos dos olhos.

Algum tempo passou, e, em seguida, a mãe de Caelyn veio sozinha. Ela parecia mais velha, mais frágil de alguma forma, como se tivesse envelhecido uma década nos últimos dias. Ela caminhou para a cabeceira de Caelyn e olhou



friamente para ela. — Nós estamos indo para casa agora, Caelyn. Obviamente, você não quer nos ver no momento. Mas você é minha filha e eu vou fazer tudo ao meu alcance para protegê-la. Expliquei à enfermeira que Elijah é perigoso e que você não é capaz ainda de ser totalmente compreendida. Como tal, ainda estou no comando de seu cuidado e é a minha decisão de que ele não será permitido visitar com você.

Caelyn começou a tremer, enquanto observava o rosto implacável de sua mãe.

Como você se atreve? Ela queria gritar. Como você se atreve a tomar essa decisão quando você sabe o quanto eu quero vê-lo?

Mas ela não podia realmente dizer nada disso. Sua boca se esforçou para falar. Ela gemeu, seus lábios tremeram enquanto tentava formar uma frase completa.

Sua mãe deu um tapinha no ombro. — Eu acho que você deve apenas tentar descansar, Caelyn. — Nós vamos voltar amanhã. Tudo vai ficar bem. Eu vou ter certeza disso.

O tempo passou lentamente. Um engatinhar era rápido demais para descrever a natureza da passagem do tempo enquanto estava deitada em uma cama de hospital.

Mesmo quando Caelyn estava dormindo, o tempo parecia não passar, da mesma forma como tinha sido anteriormente.

E quando ela acordava, tornava-se ainda mais tortuoso. Segundos se passaram, e seu quarto era tão silencioso. Às vezes, uma enfermeira entrava para mexer com IV de Caelyn.

Ela também tinha um tubo de alimentação, muitas vezes lhe disseram que a vida seria muito mais agradável quando ela começasse a comer sólidos.

A frustração estava se construindo. Ela começou a fazer barulho e se mover a



mão em vez de apenas um dedo, embora cada pequena coisa que ela fazia gastasse uma tremenda quantidade de energia para longe dela.

Ela estava deitada na cama, suando, arrastando a mão e gemendo, ocasionalmente dizendo o nome de Elijah.

As enfermeiras balbuciavam e lhe acalmavam, dizendo-lhe que estava tudo bem e não ficasse tão nervosa.

Tarde da noite, as coisas ficaram assustadoras.

E se isso é o máximo que eu poderei sempre falar? Ela perguntou-se. Seus pensamentos estavam escuros e o quarto ao redor dela refletia a escuridão de alguma forma. Tudo estava esverdeado, colorido e distorcido.

E se eu nunca for autorizada a ver Elijah de novo? Eles estão impedindo-o mantendo-nos longe um do outro. Justamente quando eu mais preciso dele, ele não está aqui.

Ela pensava nele, seu sorriso, seus olhos amáveis, a maneira como ele olhava para ela, do jeito que ele a beijava.

Ela pensou em Elijah e as lágrimas caíram, ela gemeu como um animal espancado.

Na manhã seguinte, uma de suas enfermeiras entrou para verificar os sinais vitais, sorrindo alegremente.

— Olá linda, eu vejo que você está acordada e brilhante desde cedo - disse a mulher.

Caelyn levantou a mão e começou a agitá-la, o melhor que ela pode fazer para mostrar sua exasperação. Ela respirou fundo e levantou a cabeça ligeiramente. — Elijah.

A enfermeira parou em suas trilhas. — O jovem que estava com você no acidente? - Disse.

Caelyn engoliu, deixou cair à cabeça no travesseiro e acenou com a cabeça,



aliviada que ela fez a si mesma clara.

— Estamos sob a instrução de não deixar ninguém, apenas seus pais e irmã te verem.

Caelyn queria rugir sua desaprovação, mas era impossível. Suas mãos se fecharam em punhos e ela lançou-os contra a cama.

— Escute, você precisa se acalmar. Você não pode se curar assim. Nós vamos dar-lhe algum sedativo para você relaxar um pouco, Caelyn .

Ela lambeu os lábios, ansiosa agora. — Por favor - ela sussurrou. — Ajuda.

Mas sua voz não era forte, e a enfermeira estava determinada a vê-la como uma espécie de pateta, com morte cerebral, um caso perdido.

Um momento depois, a enfermeira estava dando a ela algo através de seu IV, deve ter sido o relaxante.

Não muito tempo depois, Caelyn adormeceu novamente.

Quando acordou, a enfermeira de cabelo vermelho estava de volta, a única que tinha inicialmente descoberto que Caelyn tinha saído de seu coma. Ela estava cantarolando, carregando a bacia com a toalha.

— Helen - disse Caelyn.

Helen deixou cair à bacia com um grito.— Oh meu Deus!

— Helen - disse Caelyn novamente, tentando manter o poder de sua voz.

— Você sabe o meu nome, querida?

Caelyn fechou os olhos por um instante e balançou a cabeça, em seguida, abriu os olhos. Ela precisava manter sua força, quão desgastante como a coisa toda era. — Ajuda - ela disse suavemente.

— O que é isso? - Helen perguntou, caminhando para mais perto e inclinando-se perto — Diga isso de novo, querida.

— Ajuda - Me .

Ela olhou para Caelyn com os olhos arregalados. — Claro que eu vou te



ajudar. Mas o que há de errado? Você pode me dizer?

Caelyn respirou fundo por alguns momentos. Isso foi desgastante, ela foi ficando sem energia, mais uma vez, o que era frustrante. Ela não conseguia entender como poderia ser tão difícil de fazer coisas tão simples, mas era.

Finalmente, ela tinha energia para falar. — Elijah. Por favor. Por favor.

— Seu amigo? O menino na sala de espera?

Caelyn engasgou com o ar, acenando com a cabeça, os olhos desesperados e arregalados. Se a enfermeira rejeitasse seu apelo como os outros, ela não sabia o que faria.

Mas Helen simplesmente assentiu. — Eu já volto. Segure firme, querida.

E então ela se moveu rapidamente para fora da sala, caminhando com um propósito.

Poucos minutos se passaram, cada segundo era como tortura, esperando para ver se Helen tivesse apenas ido pedir a alguma autoridade se Elijah podia visitar. Se Helen tivesse feito isso, Caelyn sabia que teria acabado.

Ninguém ia deixar ele visitá-la na condição que ela estava, não enquanto seus pais estavam encarregados de seus cuidados.

Mas só quando ela realmente começou a perder a esperança de alguém entrar, houve vozes e passos que se aproximavam.

— Eu poderia ficar em apuros, você sabe. Então, por favor.

— Eu entendo. Eu nunca vou dizer uma palavra - a voz familiar respondeu.

— Eu não posso estar lá com você - disse Helen. — Se alguém perguntar, eu vou dizer-lhes que você escapou lá contra a vontade de todos. Incluindo a minha.

— Obrigado por isso - disse ele. — Muito obrigado.

— Aprese-se e não fique muito tempo.

Poucos segundos depois, Elijah virou a esquina em seu quarto. Caelyn não podia acreditar em seus olhos, as lágrimas vieram rapidamente a eles,



envergonhando-a.

— Graças a Deus, você está acordada - disse ele, correndo para sua cabeceira. Assim que ele se agachou ao lado dela, ela podia sentir o cheiro dele. O cheiro dele era inconfundível, confortador, como uma camisa favorita, como um belo dia que nunca iria desaparecer da memória.

Sua mão cobriu a mão dela e apertou.

— Elijah - ela sussurrou, ainda sorrindo. Seu coração estava voando em seu peito e ela queria pular em seus braços.

Por favor, me tire deste inferno. Leve-me com você, Elijah. Quebre-me livre.

Elijah tinha lágrimas em seus olhos também. Ele engoliu em seco. — Eu ... eu pensei que talvez eu tivesse perdido você para sempre.

— Não - ela disse. — N ... nunca.

Ele rangeu os dentes. Em seguida, ele se inclinou e beijou sua bochecha suavemente. Ela podia sentir o cheiro e sentir sua pele, se ela pudesse, ela teria lhe dito para nunca mais se mover.

Apenas fique perto, assim - ela pensou. Apenas mantenha seus lábios na minha pele.

— Eu nunca vou deixar nada acontecer com você de novo - disse ele. — Eu não posso acreditar que isso é tudo culpa minha. - Ele olhou para baixo e balançou a cabeça, seu corpo enrolou de raiva e frustração.

Ele estava vestindo uma camiseta e jeans preto, e ele parecia quase bem, só que ele tinha hematomas grandes, descolorações escuras de roxo, verde e vermelho ao longo de seus braços, pescoço e em ambos os olhos. Ele tinha pontos ao longo de três ou quatro cortes no rosto, outro no queixo, e outro ainda na testa. Outros cortes menores foram curados sem pontos.

Ele ainda estava lindo como sempre para Caelyn. Se não qualquer coisa, os cortes e contusões acrescentaram uma nova dimensão à sua beleza. Agora, ela pensava que Elijah parecia um pouco mais sábio.



Seus olhos estudaram dela. — Você está cansada - disse ele.

Ela balançou a cabeça lentamente.

— Você não tem que ficar acordada, então. Descanse.

— Não - ela sussurrou.

— Por que estou aqui? - Questionou.

Ela suspirou. — Simmm ...

Ele tomou sua mão entre as suas e beijou-lhe os dedos. — Eu deveria ficar aqui o dia todo ao seu lado - disse a ela. — É isso que eu quero fazer. Mas eu não posso ficar, porque se eu fizer, eu vou deixar essa enfermeira em apuros. E eles podem me expulsar de todo o hospital e, em seguida, eu nunca mais vou te ver.

Seu coração batia com medo de que ele estivesse saindo de novo, tão cedo. Ela agarrou sua mão com força com a sua, segurando sua preciosa vida.

— Não - ela disse.

— Caelyn, vou voltar assim que eu puder - ele disse a ela. — Eu vou esperar até eu ver uma abertura, quando não tiver ninguém olhando, eu vou vir te visitar.

— Oh ... oh kay. - A última sílaba quase a matou a dizer. Ela estava exausta total e absolutamente.

Ele a beijou novamente, desta vez nos lábios, ela o beijou de volta o melhor que pôde, saboreando o cheiro e o gosto dele. Ela provou o sal e canela.

Caelyn estava à deriva novamente.

De alguma maneira, ela estava junto com Elijah e tudo estava bem. Eles estavam rindo, andando pela praia de areia perfeita de Siesta Key.

Era tão real que ela pensou que devia estar acontecendo.

A sensação da areia entre os dedos dos pés. Os golfinhos que nadavam no oceano, a luz do sol brilhando fora de suas barbatanas.

Outra parte dela sabia que não era real.

Mas um dia, Elijah e eu estaremos indo para essa praia e andaremos juntos.



Algum dia em breve.

Ela estava ignorando seus pais e irmã.

Eles entraram em seu quarto fazendo barulho, conversando e a acordaram de um sono profundo e tranquilo, onde ela estava sonhando com Elijah. Isso tinha sido muito preferível do que acordar, ela só queria voltar.

Deena colocou seus fones de ouvido e se sentou em uma cadeira, ouvindo algo em seu iPod. Enquanto isso, a mãe e o pai de Caelyn vieram a seu lado e falaram com ela, como se ela fosse uma criança.

— Olá, minha menina - disse a mãe dela, acariciando seus cabelos.

Caelyn revirou os olhos e virou a cabeça, mas não conseguia ficar muito longe.

— Ela parece agitada - disse o pai.

— Bem, o médico mencionou que é como um sintoma muito comum com um TCE.

— Sim, eu acho que eu ainda estou tendo dificuldade em acreditar. Quero dizer, danos cerebrais? Isso é possível?

— É evidente que ela está muito confusa. - disse sua mãe em um tom irritado.

— Ela nem sequer pode falar.

Caelyn ia dizer a sua mãe para sair, mas ela não tinha a energia para fazê-lo. Se Elijah voltasse no final do dia, ela queria salvar seu entusiasmo e esforço para interagir com ele, não pessoas que só queriam derrubá-la.

— Mata-me vê-la dessa forma - disse seu pai, engasgando com as palavras.

— Nós vamos levá-la para uma clínica de reabilitação boa e eles vão trazê-la de volta à saúde.

— Caelyn, vamos ter certeza de que você estará bem cuidada - disse o pai dela, falando mais alto do que ele precisava.



Ela inflou os lábios e soprou com aborrecimento. Eles realmente não tinham idéia. Eles realmente pensavam que ela estava com graves danos cerebrais. Talvez estivesse um pouco danificada, mas a cada hora ela sentia sua mente voltar mais e mais.

Eles não estavam indo para tomar um tempo para descobrir isso, o que estava bem com ela. Deixá-los assumir o pior.

— Nós só precisamos manter *ele* fora daqui - murmurou a mãe.

— Olha, isso não é o que deveria estar preocupada - o pai de Caelyn respondeu. — Você tem esta abelha em sua capota sobre ele...

Agora a voz da mãe de Caelyn cresceu alta. — Porque ele quase matou a minha filha.

— A nossa filha.

— A questão é que ele ainda está na sala de espera, por aí como um perseguidor louco.

— Nós não podemos impedi-lo de se sentar em uma sala de espera, se é isso que ele quer fazer.

Caelyn gemeu em frustração.

— Querida? Que está errado? - perguntou a mãe.

Caelyn ignorou a pergunta dela, mantendo sua cabeça virada. Depois de um momento, houve uma breve batida na porta.

— Olá - uma voz de mulher chamou.

— É uma enfermeira? - perguntou o pai de Caelyn.

— Na verdade, eu trabalho no departamento de fisioterapia do hospital, eu estou aqui para atender Caelyn hoje.

— Oh - disse o pai de Caelyn, sua voz tornou-se animada. — Nós estávamos falando sobre a reabilitação, não estávamos?

— Monroe é meu nome.



— Oh, isso é um nome bonito - disse o pai de Caelyn.

Caelyn ouviu a mãe fazer um som irritado. — Minha filha está basicamente ainda muito confusa e quase totalmente não-comunicativa.

— Eu só vou dizer oi e talvez fazer-lhe algumas perguntas, ver onde ela está.

Caelyn manteve a cabeça virada. Ela não tinha nenhum interesse em conhecer alguém novo agora, ou responder a perguntas. Ela não ia responder a ninguém, mas só a Elijah a partir de agora.

— Oi Caelyn - a mulher pairava nas proximidades. — Você pode virar a cabeça em direção a mim?

— Ela não responde, como você pode ver - a mãe de Caelyn continuou.

Isso fez Caelyn irritada o suficiente para virar a cabeça e olhar diretamente para Monroe, que era uma mulher loira, pequena, com a pele pálida e um grande sorriso brilhante. Seus olhos castanhos eram grandes e imediatamente amigáveis. — Parece responder a mim - disse Monroe brilhantemente.

Caelyn sorriu para ela. — Obrigada - ela sussurrou.

Ela viu seus pais trocarem olhares a partir do canto de olho. Era quase como se estivessem decepcionados que ela pudesse falar e entender.

— Então, você tem se comunicado através do toque, não é? - Disse a loira, aproximando-se e olhando para o rosto de Caelyn. Ela olhou para o corpo de Caelyn. — Você pode mover os dedos das mãos e pés, mexa-os para mim?

Caelyn suspirou. Ela não queria isso, não agora. Se ela começasse a tentar mover-se, em breve ela estaria dormindo novamente e, em seguida, ela teria perdido sua chance de estar alerta e desperta em caso de Elijah voltar mais tarde.

Mas ela não queria dar a seus pais mais motivos para reclamarem que ela era vítima de morte cerebral confusa.

Então ela tentou o seu melhor para mexer os dedos das mãos e pés.

Ela foi capaz, de certa forma. Uma criança de cinco anos teria sido estrangida com o quão mal ela fez isso. Mas o ponto era que ela mexeu as mãos



e os pés um pouco.

— Uau, isso é incrível! Eu te daria um high five (toque batendo as mãos), mas deve estar se perguntando se é um pouco demais - disse Monroe.

Caelyn assentiu fracamente.

— Ela não fez nada parecido com isso no tempo que estive aqui - disse o pai de Caelyn. — Por que ela está fazendo agora?

Monroe olhou de Caelyn a seus pais e vice-versa. Caelyn sentiu seu próprio rosto crescer quente com aborrecimento e amargura. Seus olhos se estreitaram e ela virou a cabeça.

— Bem - disse Monroe — Poderia ser um monte de coisas. Este é um momento muito complicado, quando um paciente primeiro sai de um coma. Ela provavelmente está confusa, triste, preocupada e muito cansada. É preciso um grande esforço para ela fazer tarefas simples, mas isso não significa que ela não pode fazê-las. E pelo que eu estou vendo, Caelyn tem um monte de função verbal. Se está tudo intacto, não podemos saber ainda. Mas vamos trabalhar para descobrir.

Caelyn virou e olhou para Monroe novamente. — Obrigada ... você.

— Você é muito bem-vinda. - Ela afastou uma mecha de cabelo do rosto de Caelyn. — E você me diga o que eu posso fazer para ajudá-la. Ok? Se você precisar de alguma coisa..

— Elijah - disse ela, com a voz mais controlada e poderosa agora.

— Desculpe-me? - A mulher perguntou.

— Oh, pelo amor de Deus - a mãe praticamente gritou.

— Agora, acalme-se - o pai de Caelyn respondeu.

Deena tinha finalmente tirado seus fones. — Ela acabou de chamar por ele de novo? Isso é como tudo o que ela sabe dizer agora. Recorde quebrado, hein?

Monroe olhou para Deena com uma expressão chocada. — Desculpe, estou sem saber de quem é essa pessoa. Ela está pedindo por Elijah?



— Ele é o cara que fez isso com ela - disse Deena, apontando para Caelyn.

A mandíbula de Monroe caiu aberta. — Ele, ele deu-lhe um TCE(trauma)?

— Bem, eu não sei o que é um TCL é, mas sim, ele basicamente transformou-a em um vegetal. É por isso que a minha mãe fica tão chateada quando ouve o seu nome.

Monroe colocou a mão em seu quadril. — Será que o homem bateu nela? Eu pensei ter lido que ela esteve em um acidente de carro.

A mãe de Caelyn balançou a cabeça. — Não, ele não bateu nela. Mas ele estava envolvido em atividades criminosas e dirigiu em um poste de rua. Ele deveria ter sido preso por alguma coisa, mas eles não o acusaram ainda e ele ainda está vagando em torno do hospital, perseguindo a nossa filha.

— Uau, isso é muito estranho ... - disse Monroe. — A propósito - disse a Deena, — TCL representa lesão cerebral traumática.

— Seja o que for - disse Deena. — Eu estou indo para ir para o refeitório, ok mãe? - Deena saiu, colocando seu telefone no ouvido e já começando a falar com alguém mais alto.

— Então, essa pessoa Elijah, que ela está pedindo, você tem certeza de que é ruim para ela vê-lo? - Disse Monroe. — Porque normalmente neste tipo de circunstância, gostaria de ter certeza antes de levar a pessoa ao redor. É muito importante que alguém que teve esse tipo de lesão estar próximo de pessoas que lhes dão conforto e as motiva.

— Não, não, não - disse a mãe de Caelyn, sacudindo a cabeça. — Ele é um condenado. Ele está, literalmente, em liberdade condicional, ele é violento e perigoso.

— Mas ele está no hospital?

— Sim, ele se senta na sala de espera, quase como se para nos insultar que não podemos impedi-lo.

Monroe suspirou. — Olha, eu não estou ciente de todos os fatos da situação



de Caelyn. Mas eu já vi muitas situações em que as pessoas que não se dão bem em tudo são forçadas a passar algum tempo juntas no hospital.

— Bem, isso não é um desses cenários.

Monroe encontrou o olhar da mãe de Caelyn com uma firmeza que foi um pouco surpreendente, vindo de uma pessoa tão ensolarada inocente. — Eu acho que isso realmente é um desses cenários, Sra. Murphy.

Chamá-lo de estranho era um eufemismo.

Monroe tinha explicado para a mãe de Caelyn que era hora de deixar Elijah entrar no quarto do hospital. Ela disse aos pais de Caelyn em termos inequívocos, que sua filha estava expressando com firmeza que ela queria que Elijah a visitasse. A menos que eles provassem num tribunal que Caelyn não estava mais mentalmente competente, eles não poderiam ficar no caminho de tê-lo no quarto.

Não muito tempo depois, Elijah voltou para o seu bem.

A família de Caelyn basicamente o ignorou. Bem, Deena não o ignorou exatamente, ela fez seus pequenos golpes e comentários para tentar irritá-lo e perder o controle.

Elijah não pareceu se importar.

A partir do momento que ele foi autorizado em seu quarto, ele estava completamente focado em Caelyn. Imediatamente, ele estava ao seu lado. — Você está bem? - Questionou.

Ela assentiu com gratidão, apertando a mão dele quando colocou-a sobre a dela.

— Cansada - ela sussurrou.

— Não exagere - disse Elijah, sorrindo. — Nós vamos ter muito tempo juntos, então só tenha calma, garota.

Imediatamente, ela sentiu seu corpo inteiro relaxando em uma forma que não tinha acontecido até agora. Um sorriso de felicidade completa e absoluta veio em



seu rosto.

Todos na sala viram isso, incluindo Monroe, que se aproximou e olhou para Elijah. — Você é o seu namorado? - ela disse a ele.

— Eu sou o seu namorado. - Respondeu ele.

— Quando alguém passa por um calvário como o que Caelyn passou, eles precisam de alguém para se apoiar, alguém para motivá-las e dar-lhe força quando elas sentem que não podem andar mais um passo. Você é essa pessoa.

Ele acenou com a cabeça. — Eu espero que sim.

— É uma grande responsabilidade, Elijah. Eu espero que você leve a sério.

— É claro. - Ele estudou o rosto de Monroe como se estivesse tentando ver quais motivos ocultos poderia ter. — Existe alguma razão pela qual você acha que eu não iria leva-lo a sério?

— Estou apenas fazendo-o entender que Caelyn precisa de você sendo forte, estável e confiável. Nenhuma gracinha.

Elijah quase sorriu, e Caelyn poderia dizer que ele foi ofendido pelo que Monroe estava querendo dizer sobre sua pessoa. Mas ele parecia ter o controle de seu temperamento. — Nenhuma gracinha - ele concordou.

Deena bufou. — Boa sorte com isso - ela murmurou.

Mas, estranhamente, depois disso, Caelyn ficou surpresa ao descobrir que havia muito pouco conflito entre Elijah e sua família.

Na verdade, eles quase pareciam estar trabalhando juntos, como uma equipe.

Ao longo dos próximos dias, cada um deles manteve um certo horário, quando Elijah iria fazer uma longa pausa, agarrar uma mordida para comer no refeitório do hospital, ou algo assim, seus pais e Deena apareciam e assumiam por um tempo .

Não é que eles se sentaram em volta e discutiram fazê-lo dessa maneira, só pareceu acontecer naturalmente. Um ritmo desenvolvido.

Ficou claro que algo havia mudado, uma vez que Caelyn teve realizado seu



desejo conhecido por todos. Uma vez que ela tinha mostrado que ninguém poderia forçar Elijah fora de seu quarto de hospital, tudo parecia se encaixar.

Elijah era seu namorado, ele foi o único que ficou quase constantemente ao seu lado.

No momento em que o horário de visita começava na parte da manhã, ele estava lá, andando em seu quarto com um sorriso e uma xícara de café. Depois de alguns dias se passaram e ela começou a comer e beber por conta própria, ele sempre trouxe uma segunda xícara de café para ela também.

Ele ia ficar toda a manhã, trabalhar com ela sobre os exercícios que a equipe do hospital deu-lhe para fazer, a fim de construir a sua força. Elijah era um capataz, ele tinha alarmes definidos em seu telefone para lembrá-los de fazer os exercícios necessários a cada meia hora.

Os mais divertidos foram jogos de pequenas palavras, coisas patetas para ajudar a obter a sua boca trabalhando mais rápida e lembrando essas conexões entre sua mente e seu corpo, para começar a jogar fora as teias de aranha.

Logo, ela foi capaz de manter uma conversa normal, embora sua voz ainda era fraca e muitas vezes estava cansada, depois de alguns minutos de conversa.

Os exercícios duros estavam recebendo até uma posição sentada, deitada de costas para baixo, em seguida, puxando-se para cima de novo.

De sentada, ela teve que ficar de pé, então mover-se para uma cadeira, em seguida, de pé, em seguida, sentar-se. Ela fez as repetições, como alguém que trabalha na academia, eles eram tão duros como todos os exercícios de ginástica que ela já tinha feito.

Apenas um par de minutos de sentada e em pé e outra vez, foram o suficiente para esgotá-la.

Eventualmente ela fez voltas lentas em todo o corredor circular, movendo-se em torno da estação da enfermagem, com Elijah guiando-a. Levou cerca de 15 minutos para fazer uma única volta no início.

Mas ter Elijah com ela enquanto atravessava o inferno e voltava, de alguma



forma fez tudo um pouco mais fácil.

Houve momentos que tinha se irritado com ele, no entanto.

Certa manhã, ela acordou com um frio acima de tudo o resto.

— Ei dorminhoca - disse Elijah quando ele entrou no quarto do hospital carregando suas habituais duas xícaras de café. Ele colocou o copo pequeno para baixo, na frente dela e ela fez uma careta.

— Não, obrigada - ela murmurou, empurrando-a para longe e virando para o lado dela.

— Eu fiz isso do jeito que você gosta.

— Tem cheiro de queimado.

— Eu acho que cheira assim a cada dia. Eu estou bebendo a mesma coisa.

Ela virou-se de novo e olhou para ele. — Pare de ser tão falso, Elijah.

Ele ergueu as sobrancelhas para ela quando ele tomou um gole de café, sentado em uma cadeira de plástico perto de sua cama. — Falso? Eu não tenho nenhuma idéia do que você está falando.

— Essa voz suave que você está usando. Você não é assim.

Ele sorriu. — Tudo bem, garota.

— Não há problema, na verdade - disse ela. — Você não acha que devemos admitir que a minha situação totalmente me suga? - Ela espirrou e, em seguida, bateu a mão na cama. — Eu preciso de um lenço. Droga. - Ela inalou, então espirrou novamente.

Rindo, Elijah partiu e pegou uma caixa de lenços de perto e trouxe-a para ela.
— Você acordou do lado errado da cama?

— Estou doente.

— Você acha que você tem uma febre? - Ele se inclinou e colocou a mão quente em sua testa. — Você se sente quente ou qualquer coisa?

— Meus seios estão doloridos - ela lamentou.



— Isso é péssimo - disse ele.

— Você não importa. - Ela sabia que estava sendo uma idiota para Elijah, mas de alguma forma ela não conseguia se conter. — Ninguém consegue. Todo mundo acha que isso é fácil, mas não é.

— Caelyn, ninguém acha que é fácil para você.

Os dois ficaram em silêncio. Ela se deitou na cama e assoou o nariz, amassando o lenço e jogou-o no cesto de lixo, perto de sua cama. Alguns simplesmente saltaram e caíram no chão. Seu nariz estava congestionado e sua cabeça doía, pior do que o habitual.

Elijah sentou-se calmamente e bebeu o café.

E, em seguida, o alarme em seu telefone tocou e ele se levantou. — Tudo bem, garota. Está pronta para começar?

Ela olhou para ele como algo que se aproximava de raiva. — Eu não estou fazendo isso, Elijah. Eu não estou fazendo os exercícios idiotas, agora.

— Caelyn, temos que...

— Você não tem que fazer nada. Eu faço isso.

— Tudo bem - disse ele, ainda a imagem de calma. — Você tem que fazer isso. Caso contrário, você não vai melhorar e curar. Lembre-se que Monroe disse-nos?

— Eu não me importo. - Seus olhos se estreitaram. — Apenas me deixe em paz. Eu estou tão cansada disso! - Ela jogou a caixa de lenços de papel para ele e ele saltou fora seu caminho.

Eles olharam um para o outro por um longo momento, atordoado com o que ela tinha acabado de fazer. E então o lábio de Elijah se contraiu e ele começou a rir.

— Eu sei que não era para ser engraçado - disse ele.

Então Caelyn percebeu quão tola ela estava agindo e começou a rir com ele.

Ambos estavam ficando vermelhos, rindo cada vez mais duro. Logo, nenhum deles conseguia parar. Era como se eles estivessem rindo juntos em vez de chorando.



Elijah aproximou-se e abraçou-a, beijando-lhe o rosto. — Você está histérica, você sabia disso?

— Eu acho que eu estou ficando louca.

— Está tudo bem se você fizer. Temporariamente, de qualquer maneira.

— E se for permanente?

— Não é. Eu juro. - Ele sorriu para ela, esfregando o polegar em sua bochecha.

Ela suspirou. — Ok, vamos começar os exercícios.

De alguma forma, Elijah sempre encontrou uma maneira de fazer o que estava acontecendo, em algo bom. Ele encontrou uma maneira de fazê-la rir, para forçar um sorriso no rosto, mesmo quando um médico sério estava dizendo a ela sobre todos os possíveis efeitos, a longo prazo, de ter uma lesão cerebral traumática.

Ele se recusou a deixá-la chafurdar em desespero e como resultado, ela estava melhorando rapidamente.

Os médicos disseram que nunca tinham visto um paciente sair de um coma e se recuperar tão rapidamente quanto ela estava se recuperando.

Durante uma das reuniões finais da equipe de tratamento, Doutor Goldfarb, o neurologista responsável da equipe, disse simplesmente:

— Caelyn tem sido uma paciente absolutamente modelo. Ela inspirou todos os que trabalharam com ela. - Dr. Goldfarb esfregou brevemente a ponta do nariz e, em seguida, olhou em volta para ver se alguém tinha algo a acrescentar antes de continuar.

— Acreditamos que chegou o momento de falar sobre a alta de Caelyn, como planejar a continuação sua reabilitação.

Ao redor da mesa estava o resto da equipe, que incluía Monroe e Amit Ramachandran e uma das outras enfermeiras. Caelyn, Elijah e mãe e pai de Caelyn também estavam na sala para ouvir quais eram os próximos passos.

— Isso é fabuloso - disse o pai de Caelyn. Ele enxugou os olhos. — Quero dizer, quando tudo aconteceu pela primeira vez, sentimos como se sua vida



tivesse acabado. O jeito que ela parecia no primeiro dia que a vi ... - sua voz calou-se quando ele sufocou as lágrimas.

Caelyn apertou a mão de Elijah. Ela estava sentada ao lado de Elijah, inclinando-se contra ele e tentando o seu melhor para ficar composta. Sentar-se em uma cadeira por tanto tempo era um grande desafio para ela, mas ela sabia que tinha que ficar forte.

Ela queria sair do hospital e ela não queria ter que ir a um centro de reabilitação em regime de internamento. Se ela não pudesse nem sentar-se por alguns minutos de cada vez, podia influenciar a decisão da equipe.

Elijah apertou a mão dela e deu-lhe um rápido olhar de tranquilidade. Ela adorava a sensação de seu corpo forte e sólido ao lado dela. Ele era como uma rocha, literal e figurativamente.

— Então, qual é o próximo passo? - A mãe de Caelyn perguntou ao médico.
— Parece uma boa idéia ela fazer o tratamento em regime de internamento em uma instalação.

Dr. Goldfarb e Ramachandran trocaram olhares. Amit mexeu na cadeira antes de responder. — Senhora Murphy, não compete a decisão a nós. Nós podemos fazer recomendações, é claro, mas não podemos dizer a Caelyn que ela deve fazer isso ou aquilo. Algumas das decisões cabem a ela.

— Mas queremos ouvir a sua recomendação, não é? - Ela perguntou, olhando ao redor.

Todo mundo concordou.

— Bem - disse Amit, — Um programa de internação pode ser benéfico, mas pode ser caro. O seguro nem sempre vai cobrir tudo. Além disso, algumas pessoas fazem melhor em casa, onde elas podem estar mais descontraídas e rodeadas por amigos e familiares.

— Isso depende do apoio que está no lugar - acrescentou Monroe.

— Estamos felizes em trazê-la para casa, se é isso que ela precisa - disse a mãe de Caelyn. — Meu marido e eu já conversamos sobre isso, eu estaria disposta



a tirar uma licença de ausência do trabalho para ajudar Caelyn a se recuperar.

Caelyn sentiu seu corpo inteiro ficar tenso e ela apertou a mão de Elijah de novo.

Ninguém nunca iria perguntar o que ela queria? Será que alguém se importava, ou eles ainda a consideram com morte cerebral e em coma?

Mas então Monroe fez contato visual, e ela deve ter visto nos olhos de Caelyn, porque Monroe olhou para a mãe e o pai de Caelyn quando ela falou. — Também é importante descobrir o que sua filha quer fazer.

— Sim, claro - disse a mãe de Caelyn rigidamente. — Queremos falar com ela sobre isso. Tem sido difícil encontrar o momento certo.

Todo mundo se virou e olhou para Caelyn, enquanto ela respirava fundo para controlar sua voz falando. Mesmo agora, depois que ela fez tanto progresso, Caelyn ainda era sensível ao fato de que a sua voz, às vezes, se abalava e tremia depois de não ter sido usada por um tempo. E se ela ficasse tensa ou frustrada, o efeito era ampliado dez vezes.

— Eu quero ficar com Elijah - ela disse simplesmente, de modo a não deixar nenhuma dúvida.

Os olhos da mãe ficaram feridos e ela balançou a cabeça. — Isso é apenas inaceitável. Ele vive em um apartamento, ele não tem absolutamente nenhum recursos, não há maneira de lhe fornecer o tipo de apoio que você precisa .

— Ele está indo muito bem até agora - Caelyn disse a ela. — Ele é o que eu preciso para ficar melhor. Eu não vou fazer isso sem ele.

Os rostos de seus pais pareceram traídos e amargos.

— A razão por que você está indo tão bem - seu pai disse, — é porque o pessoal do hospital e os médicos têm sido surpreendentes e eles têm sido incríveis ajudando você a ficar melhor.

— Agora, nós sabemos que esta é uma decisão delicada - disse Goldfarb, tentando acalmar todo mundo. — Mas lembrem-se, todo mundo aqui quer o melhor



para Caelyn.

— Eu sou adulta e posso tomar minhas próprias decisões - disse Caelyn, sentada ereta e olhando de uma pessoa para a outra, certificando-se de mostrar a cada um deles o quão sério ela estava. — Só porque eu tive uma lesão grave não significa que eu sou incapaz de decidir onde eu quero viver.

— Você tem certeza disso? - Perguntou a mãe.

Caelyn virou a cabeça e olhou para a mãe. — Sim, eu tenho.

— Porque tudo o que eu li sobre TBIs diz que os pacientes muitas vezes não entendem as suas próprias limitações, como resultado da lesão cerebral que sofreram.

Caelyn riu, sua voz tremeu um pouco quando ela respondeu. — Então, você está dizendo ... você está dizendo que eu quero viver com Elijah por causa da minha TBI?

— Eu acho que sua mãe está tentando simplesmente expressar uma preocupação válida, Caelyn - disse o doutor Goldfarb. Ele esfregou o nariz e fungou.

— Não é válido, no entanto - Caelyn disse a ele. — Como é que ela me explica morar com Elijah antes de me machucar?

A mãe de Caelyn bufou. — Então você se mudou, quem sabe o que você estava pensando. Tudo o que sei agora é que seu apartamento não é lugar para você se recuperar.

O queixo de Elijah contraiu. — Eu gostaria de dizer alguma coisa.

— É claro - disse o Dr. Ramachandran. — Por favor, vá em frente.

— Eu quero o que é melhor para Caelyn, tanto quanto qualquer um. E talvez se você chegar até ele, meu apartamento não é o lugar ideal para ela se recuperar. É por isso que eu encontrei uma casa para alugar, perto da clínica de reabilitação que tem sido mencionada como a melhor na área.

— Eu não acredito nisso - disse o pai de Caelyn, levantando-se.



— Pai, por favor - disse Caelyn.

— Não, ele é um mentiroso. Ele é um mentiroso e ele está tentando prejudicá-la. - O rosto de seu pai era quase roxo. — Esquecemos que a única razão pela qual você está nesta situação é porque ele dirigiu seu carro em um poste de telefone?

— Foi um acidente - disse Caelyn.

— Juro por Deus - seu pai disse fazendo um punho e agitando de vez em Elijah. — Se eu não fosse uma pessoa que cumpre a lei, eu ... eu te machucaria pelo o que você fez com ela.

Elijah apenas sentou e o assistiu. O corpo de Elijah estava totalmente relaxado, calmo, sem nenhum medo. — Isso é como você se sente - disse ele.

— Malditamente certo - disse o pai dela e então ele saiu da reunião.

A mãe de Caelyn colocou a cabeça entre as mãos. — Então é isso? - Disse ela, olhando para todos. — Não podemos impedir que isso aconteça?

Dr. Goldfarb ergueu as mãos. — Minha senhora, se você quiser tentar argumentar que Caelyn não é competente para tomar suas próprias decisões de saúde, isso é bem dentro de seus direitos. Mas eu temo que é uma questão para os tribunais e não pode ser decidido aqui.

— Você acha que ela é competente? Mentalmente? - Disse a mãe de Caelyn. — Pelo que vejo em meus olhos, ela certamente não está em qualquer condição.

Dr. Goldfarb suspirou. — Com base em nossos testes, Caelyn manteve sua capacidade intelectual. Ela não parece estar sofrendo os tipos de sintomas associados com prejuízo cognitivo, nem parece ter problemas emocionais significativos. Então eu não posso dizer que a equipe está de acordo com a sua avaliação.

— Obrigada - disse Caelyn suavemente.

— No entanto, eu entendo perfeitamente a sua mãe e as preocupações do pai. A maioria das pessoas se recuperando de uma TBI tem sucesso em ambientes



muito estáveis e de apoio. Será que o apartamento ou a casa de aluguel de Elijah, se tal lugar está disponível, oferece-lhe esse tipo de ambiente?

— Sim - disse Caelyn.

Elijah concordou. — Queremos pelo menos tentar. Se não funcionar, estamos dispostos a ouvir os conselhos do pessoal na clínica.

— Não, você não vai - disse a mãe de Caelyn, levantando-se agora. — E eu não vou me envolver nessa desculpa patética para um plano. Eles dois fizeram as suas mentes e nós vamos ter que aceitá-lo.

— Sra. Murphy - disse Elijah, — Por favor, não vá. Caelyn precisa de vocês.

— Se ela nos perdeu, você tem apenas a si mesmo a quem culpar - a mãe de Caelyn disse a ele. — Porque até que você apareceu, Caelyn era uma estudante perfeita, irmã perfeita e uma filha maravilhosa. Agora, olhe para ela. - E então ela se virou e saiu.

Caelyn agarrou a mão de Elijah com força enquanto ele acariciava seus cabelos. — Não deixe ela chegar a você - disse a ele. — Ela está com medo, isso é tudo.

— Eu odeio tanto. Eu realmente odeio.

Dr. Ramachandran e Dr. Goldfarb pareciam cada vez mais desconfortáveis.

— Nós vamos ajudá-lo a planejar a sua recuperação, não importa as suas escolhas de vida. - Dr. Goldfarb disse a ela.

Dr. Ramachandran assentiu. — Às vezes, as coisas podem ficar confusas quando ocorre uma tragédia.

— As coisas já estavam desorganizadas antes do acidente - disse Caelyn.

Elijah balançou a cabeça. — Ela vai ficar bem. Não deixe ninguém tirar o foco de ficar saudável.

Ela olhou para ele. Ele ainda estava recuperando-se. Ela viu no caminho que, por vezes, fazia uma careta e colocava a mão em seu estômago quando ele estava ajudando-a a ficar de pé ou sentar-se. Ela ainda podia ver os contornos fracos de



arranhões em seu rosto e havia três grandes cortes que tinham pontos, que não foram curados até hoje.

E, no entanto, Elijah nunca reclamou ou tentou desviar a atenção para si mesmo.

Tudo o que ele fez foi pensar nela e ajudá-la. Dia e noite, foi dedicado ao seu bem-estar.

— Obrigado por ser incrível - ela sussurrou. — Eu não poderia fazer isso sem você.

— Sorte para você, que você não precisa - ele sorriu.

Antes que Caelyn percebesse, ela estava desembarcando.

Ela não podia acreditar que ela estava finalmente fora do hospital.

Parecia que ela sempre tinha estado naquele lugar, como se sua vida anterior não tivesse se quer existido. Mas agora ela foi liberada, e a liberdade era algo como o que Elijah deve ter sentido, quando ele tinha saído da prisão.

Enquanto dirigia com ela para sua nova casa, uma pequena casa de dois quartos, perto do centro de reabilitação, Caelyn olhou pela janela a paisagem que passava.

— Onde você conseguiu o novo carro? - ela perguntou.

Ele estava dirigindo a sua casa, em uma velha caminhonete amassada. Os lugares no interior estavam desgastados e havia queimaduras de cigarro velhas, no chão da cabine.

Elijah riu. — Eu não acho que você queira saber - disse ele.

— Será que o seu carro velho se perdeu no acidente?

Ele acenou com a cabeça. — Eu fui para vê-lo no estaleiro de sucata. Ele ficou esmagado tão ruim, que eu não podia acreditar que alguém tivesse sobrevivido, muito menos nós dois.



Caelyn olhou para ele. Ele estava concentrado na estrada, nenhum sinal de stress ou a ansiedade no rosto. — Elijah, o que aconteceu naquele dia? Quem atirou em você?

Ele parou por um longo momento antes de responder. — Eu não vi de onde veio - ele disse a ela. — Eu peguei meu irmão no corredor do prédio e fiz ele me levar para o seu carro, para obter o saco de dinheiro que tinha com ele. O dinheiro que ele me devia, quando ele entrou no meu lugar.

— Será que ele tentou lutar com você?

Elijah balançou a cabeça. — Talvez tenha sido uma armação. Talvez ele estivesse esperando por isso, porque quando chegamos ao estacionamento, ouvi tiros e depois o forcei em seu carro, pegou a bolsa e saiu. Eu nem percebi que eu estava baleado até que eu estava no meio do caminho para o meu próprio carro.

Caelyn inalou bruscamente, com a boca subitamente seca. Só de pensar sobre o acidente a fez mal fisicamente. Lembrou-se da mancha escura se espalhando por todo o estômago.

O som do carro quando bateu no poste. O para-brisa dobrado sobre si mesmo.

Ela voltou para o presente quando Elijah tomou uma curva à esquerda, ela se encolheu, imaginando um carro próximo passar por eles, mas o carro abrandou para a luz.

Elijah olhou para ela. — Você está bem?

— Sim - ela disse, seu coração acelerou e suas mãos tremeram de medo da resposta. — Eu acho que eu ainda não tenho todo o caminho de volta ao normal.

— Não me diga - disse ele, inexpressivo.

— Elijah - ela riu, batendo-lhe levemente no ombro muscular. — O que isso quer dizer?

— Isso significa que você acabou de sair do hospital e você tem um monte de reabilitação para fazer antes de você se sentir cem por cento.



— E você é um especialista agora?

— Eu li sobre isso - disse ele, mais sério de repente.

— Oh, você leu, você leu?

— Eu li. É. E nós precisamos ter uma abordagem prática e realista para a sua recuperação. - Agora, um pequeno sorriso começou em torno dos cantos de sua boca.

Caelyn balançou a cabeça e suspirou. — Então você deve ter gasto muito dinheiro com este caminhão e a casa de aluguel. Mas eu sei que não é o dinheiro que você recebeu de seu irmão, antes do acidente.

— Como você sabe disso? - Disse ele, parecendo preocupado.

— Porque, depois do acidente, eu ouvi o seu irmão e seu pai levando o material para fora do carro. Eles sabiam que estávamos feridos e tudo que eles fizeram foi roubar-nos.

Elijah olhou para ela. — Você estava em coma, Caelyn.

— Eu não estava. Ainda não, de qualquer maneira. Ouvi-os falar sobre como eles precisavam ter tudo de volta. E, em seguida, que os policiais nunca encontrariam nada em seu carro, foi por isso que você nunca foi acusado de um crime .

Elijah suspirou. — Você é muito inteligente para seu próprio bem, garota.

— Então, como você pagou todas essas coisas?

Houve uma longa pausa antes de ele, relutantemente, responder. — Bem, eu tenho trabalhado um pouco num barco, durante a noite.

— Quer dizer que você deixou o hospital todos os dias, às oito horas e foi trabalhar? Quando é que você dorme?

— Não posso dizer que tenho dormido muito. Mas tudo bem, eu tive muita motivação para ficar acordado.

Ele ainda não tinha respondido ela.



— O trabalho que você está fazendo ia até tarde da noite? - Disse. — Diga-me a verdade.

Elijah diminuiu quando o tráfego ficou mais lento. — Caelyn, eu não sou como você. Eu não posso ganhar dinheiro fazendo o trabalho normal.

Suas mãos entrelaçaram quando ela começou a preparar-se para o que ele estava prestes a dizer-lhe. — Então, se não era um trabalho normal, que tipo de trabalho era?

— Freelancing - respondeu ele.

— Isso não significa nada para mim.

— Você quer que eu realmente solete para você - ele perguntou. Então, ele olhou para ela. — Você realmente quer ter essa conversa agora?

— Sim. - Ela continuou a fitá-lo, assim quando ele estava de volta a olhar a estrada novamente.

— Tudo bem, eu vou te dizer. - Ele lambeu os lábios e, em seguida, limpou a boca com as costas da mão. — Eu sou o que eles chamam de um braço forte, ladrão, um assaltante.

— Você está roubando as pessoas? - Ela não podia acreditar no que ouvia. A dor atravessou seu estômago e ela se inclinou, fazendo uma careta. — Você está usando uma arma?

— Eu não roubo pessoas inocentes - disse ele. — Eu roubo outros criminosos. Os traficantes de drogas, criminosos, membros de gangues.

Ela olhou para ele, uma sensação de irrealidade lavou sobre ela. — Você está brincando, Elijah? Por favor, me diga que você está brincando.

Ele balançou a cabeça. — Eu não estou brincando.

— Você tem que parar. Você tem que parar agora.

Seus ombros endureceram. — Isto é como eu sobrevivo, Caelyn. É assim que eu pago por este caminhão e a casa que vamos viver.

— Eu não me importo. - Ela bateu seu punho contra a porta do caminhão,



causando um poderoso baque soando em toda a cabine. — Você tem que parar ou eu vou embora e nunca mais volto.

Elijah olhou para ela. — Essas pessoas que eu roubo, são as piores pessoas na terra. Eles ferem pessoas inocentes que vivem nesses bairros, vendem drogas, batem nas pessoas e tudo que faço é dar-lhes um gosto de seu próprio remédio.

— Eu não vou discutir com você sobre isso.

Ele fez uma careta. — Eu preciso ganhar dinheiro.

— Então, consiga um emprego - ela gritou para ele.

Seus olhos se arregalaram momentaneamente. — Ouvi você dizer - disse ele.

Ela encostou-se no banco, chocada com o quão alto ela tinha sido capaz de gritar.

Sua voz tinha sido tão fraca nos últimos dias, mesmo assim ela gritou alto o suficiente para estourar os tímpanos de alguém.

— Prometa-me que vai parar de cometer crimes - disse ela em voz baixa.

Houve um longo silêncio. Eles pararam no meio-fio. — É isso - Elijah disse a ela. — Este é o nosso novo lar.

— Não, se você não me prometer - ela disse a ele.

Ele virou a ignição e o motor do caminhão lentamente desligou. Então, ele olhou para ela. Sua expressão era ilegível, calma e fria. Finalmente, ele abriu um sorriso cansado. — Ok, você venceu. Eu prometo parar de cometer crimes. Eu sou um cidadão cumpridor da lei a partir deste ponto em diante.

Ela estudou seu rosto em busca de pistas. — Tem certeza?

— Eu tenho certeza que eu vou fazer o que for preciso para te fazer feliz.

Elijah cozinhou um jantar de bife e feijão verde, salteados com bacon.



Sentaram-se no sofá em frente à TV. Eles estavam na sala de estar da casa nova comendo juntos, tentando voltar a uma vida normal.

Caelyn pareceu cada vez mais cansada.

— Algo de errado com a comida? - perguntou Elijah, olhando de seu prato quase acabado para o seu bife, que tinha talvez três quartos.

— Nada de errado. O gosto é ótimo - Caelyn disse a ele. Ela sentou-se e soltou um profundo suspiro que parecia vir do fundo da sua alma. — Estou muito, muito cansada.

Elijah abaixou o garfo e faca. Em seguida, ele mudou-se no sofá para que se virasse para ela. Seus olhos escuros fixaram-se nos dela, ao mesmo tempo intenso e cuidadoso, de uma forma que eletrizou sua alma.

— Não há problema em estar cansada - ele disse a ela. Então, ele se inclinou para frente e lhe acariciou o cabelo suavemente.

— Mas eu preciso tomar um banho.

— Que tal um banho? - Disse.

— Sim, isso seria bom.

Ele se levantou. — Tudo bem. - Então ele começou a sair da sala.

— Elijah, espera, onde você está indo?

Elijah olhou por cima do ombro. — Vou preparar-lhe um banho. Apenas sente-se quieta, garota.

Ela sorriu quando ele saiu da sala. Ela não podia acreditar o quão incrível ele era, quão doce, protetor e gentil.

Então, ela pensou sobre o que ele disse a ela, sobre o roubo de bandidos para conseguir dinheiro. Como ela poderia vir a enfrentar o fato de que ele era capaz de tanta bondade e suavidade, mas também capaz de coisas horríveis?

Não houve resposta clara. Ele era ambos dessas pessoas. Ela o tinha visto ameaçar um homem com uma arma, ela o viu bater em alguém até a morte. Ele tinha envolvido ela em um acidente de carro que quase tinha tomado sua vida.



Essas coisas deveriam ter lhe dado muitos motivos para querer correr na outra direção. A maioria das meninas já teriam se afastado dele, ao primeiro sinal de atividade ilegal.

Quando Elijah havia mentido sobre seu nome para um policial, no caminho para a Flórida, teria selado o acordo para qualquer pessoa normal.

Mas não foi assim para Caelyn.

O que há sobre ele? Como posso ficar com ele, sabendo o quão perigosa sua vida é, sabendo que ele pode nunca ser capaz de desistir de seus velhos caminhos?

Ela não sabia exatamente o que foi que tornou impossível para ela até mesmo considerar romper com Elijah. Mas ela sabia que seu toque era a única coisa que ela realmente necessitava, o sorriso em seu rosto era como a água, seus lábios eram como alimento, sua respiração era o seu ar para respirar.

Sem Elijah, a vida era cinza, sem graça e sem beleza.

Quando estava com ele, a vida parecia ter todas as possibilidades.

Ela ainda estava pensando sobre as peças de quebra-cabeça estranhas que compunham sua vida juntos, quando Elijahre entrou na sala. — Vamos lá, vamos colocá-la na banheira. - Ele veio para o sofá e estendeu as mãos para ela pegar.

Ele tomou conta dela e ajudou-a lentamente a seus pés.

Ela gemeu, porque este ainda era um dos movimentos mais difíceis para ela.

Tudo era fraco e suas pernas tremiam.

— Vamos lá, se apoie em mim - ele disse a ela, envolvendo um braço em volta da cintura. Ela colocou o braço em volta e inclinou-se contra ele, para que ele tomasse a maior parte de seu peso à medida que a arrastava para o banheiro.

Quando ele abriu a porta, ela ficou chocada ao encontrar velas de incandescência espalhadas por todo o banheiro escuro. Havia velas sobre as bancadas da pia e ao longo da borda da banheira.

A sala já estava cheia de vapor a partir da água quente em execução.



— Você precisa de ajuda para entrar? - Questionou.

— Eu preciso - disse ela, envergonhada. — Sinto muito.

— Não se desculpe, você é linda demais para se arrepender. - Ele colocou um dedo sob o queixo e inclinou o rosto para olhar para ele.

— Eu desejaria que eu não fosse tão dependente de você para obter ajuda.

— Você é a mulher mais incrível do mundo - disse ele. — Todos os dias eu entrei naquele quarto de hospital e vi você lutar ... - sua voz embargou um pouco, e ele engoliu em seco. — Eu nunca vi ninguém lutar tão duro.

Ela sorriu, insuportavelmente tocada por suas palavras e emoções. — Obrigada por dizer isso.

E então ele se inclinou e apertou seus lábios suavemente contra os dela. Tinha sido um longo, longo tempo, em que tinha tido um beijo de verdade. Claro, eles se beijaram brevemente no hospital, mas tinha sido diferente.

Ela tinha estado doente, com dor e desconforto, confusa, lutando.

Mas agora eles estavam sozinhos e juntos e seu corpo respondeu.

Tudo dentro dela gritou por ele. Seus lábios eram suaves, mas firme e insistente.

Ele tinha gosto de hortelã e cheirava incrível. O corpo de Caelyn formigava.

E então ele se afastou e olhou nos olhos dela. — Eu preciso me desculpar pelo que fiz a você. Eu sou o único culpado.

— Não - ela disse. — Por favor, não diga isso. Eu não culpo você.

Ele parou, pensou por um momento, e então assentiu. — Tudo bem.

— Ajude-me a tirar a roupa - disse ela, com a voz trêmula, mas não por causa da fraqueza. Agora sua voz estava tremendo por razões que nada tinham a ver com a sua lesão.

Elijah tirou lentamente a blusa, revelando sua barriga e, em seguida, seus seios, quando ele puxou-a sobre a cabeça. Quando sua camisa estava fora, ele



aproximou-se e beijou-a de novo, profundamente na boca.

Ela o beijou de volta, gemendo de prazer.

Ele desabotoou o sutiã e deixou-o cair no chão.

Então ele a beijou novamente na boca, antes de beijar seu pescoço e ombro. Ela atirou os braços sobre os ombros para que pudesse encostar seu corpo duro de pedra.

A luz das velas banhou em incandescência suave. — Você parece um anjo - disse ela, sorrindo para ele.

Ele sorriu de volta para ela. — Eu definitivamente não sou um anjo.

— Tem certeza?

— Talvez você me faça. - Ele desabotoou as calças e depois, lentamente, puxou para baixo de suas pernas.

— Ok, talvez você não é um anjo - ela estremeceu, quando ele revelou sua calcinha.

— É, provavelmente não. - Ele começou a deslizar sua calcinha por suas pernas.

Ela estava nua e ela não se importava com nada. Elijah a envolveu em seus braços quentes, fortes e beijou-a novamente. Ela o beijou de volta, com suas línguas entrelaçadas, e ela queria tanto que todas as suas preocupações fossem apagadas.

Era pura necessidade, nada menos.

Mas foi Elijah, que se interrompeu. — Deus, você não tem idéia do que eu quero fazer com você.

— Mostre-me, então - ela disse.

Ele balançou a cabeça. — Você precisa relaxar e aquecer os músculos.

— Tudo bem - Ela suspirou, e deixou-o ajudá-la até a banheira. Demorou alguns segundos para descobrir como ele poderia ajudá-la a chegar a ele. Ela



precisava dele para mantê-la sob seus braços enquanto ela se abaixasse na água quente.

Quando ela finalmente conseguiu entrar na banheira, o calor imediatamente relaxou seu corpo inteiro de uma só vez, fechando os olhos. — Isso é incrível - disse ela, mergulhando o cabelo para trás na água.

Ela abriu os olhos e viu a cintilação das velas. — Eu vou lavar o seu cabelo - disse Elijah.

Ela olhou para ele, rindo. — O quê?

— Você me ouviu. Eu vou lavar o cabelo. Agora.

— Não seja bobo.

— Eu não estou sendo bobo. Estou completamente sério. Deixe-me ajudá-la.

Caelyn percebeu que ele realmente queria lavar o seu cabelo. Algo sobre ele cuidando dela desta forma, lavando seu corpo, preocupando com ela, era tão relaxante e confortante.

Não havia nada para se envergonhar.

Elijah pegou o frasco de xampu e serviu um pouco em suas mãos, em seguida, começou a massageá-las em seu couro cabeludo. Parecia incrível. Suas mãos eram como mágica, sabendo exatamente como tocá-la.

Ela estremeceu de prazer.

— Como é que se sente? - Ele perguntou, mas o humor em sua voz disse-lhe que ele já sabia como se sentia.

— Incrível - ela suspirou, deixando suas mãos fazer o seu trabalho. Ela não sentia tanto prazer desde o acidente. Era como ter sido privada de qualquer coisa, tendo pão e água por um ano e, em seguida, indo para a melhor sorveteria do mundo, sentando e tomando as primeiras colheres de um sundae de chocolate.

Arrepios corriam para cima e para baixo em sua coluna, enquanto a água quente acalmava e suavizava seus músculos tensos. Em torno dela, velas lançavam sua luz bruxuleante, banhando o quarto em um brilho sobrenatural.



Elijah pegou um pequeno copo de plástico a partir da borda da banheira e mergulhou na água, em seguida, derramou sobre a cabeça para lavar o sabão fora.

Ele sentou-se perto dela e viu como ela estava deitada e relaxada no banho por vários minutos, até que finalmente a água começou a esfriar e ela se tornou um pouco gelada.

— Eu acho que estou pronta . - disse a ele. - Ajuda-me?

— Claro.

Levantar-se novamente não foi fácil, houve algum constrangimento, é claro, por ter que ser ajudada para fora da banheira.

Mas Elijah nunca deu qualquer sinal de que ele estava em tudo incomodado por nada disso.

Ele passou uma grande toalha em volta dela e conduziu-a para o quarto.

Havia uma cama queen-size, com um enorme cobertor quente nela. — Vamos lá, ficar sob as cobertas - disse ele. — Você vai secar mais fácil. Vou ficar com você.

Caelyn foi capaz de sentar-se na beira da cama sozinha, então ela deitou-se e deslizou sob as mantas, a toalha ainda enrolada em torno dela quando estremeceu. Seu cabelo molhado estava frio e pingando no travesseiro.

Elijah tirou os tênis e então deslizou sob as cobertas, atrás dela, envolvendo seus braços fortes ao redor e segurando-a com força.

— Eu acho que estou no céu - disse ela, sorrindo com satisfação.

—Você e eu.

Ficaram juntos por um tempo.

— Você tem sido tão incrível, Elijah - disse ela.

Ele apertou seus lábios contra a parte de trás do seu pescoço. — Eu só fiz o que qualquer um teria feito.

— Não - ela disse. — Você estava comigo a cada segundo. E então você foi e



alugou esta casa e tem tudo pronto para mim. Você pensou em tudo.

— Eu tenho muito para compensar - ele disse a ela. — Eu tenho um sentimento de culpa.

— Por causa do acidente?

— Entre outras coisas. - Ele riu. — Minha lista impertinente é muito longa, Caelyn. Vai ser um longo tempo antes de santificar qualquer coisa, mas há carvão na minha meia.

— Você está fazendo um bom começo - disse ela.

Ele beijou seu pescoço novamente, puxando-a ainda mais perto, pressionando seu peito e estômago contra suas costas. — Estou machucando você?

— Não, é uma sensação agradável. Segura .

— Bom - Sua respiração era quente contra a traseira de seu pescoço.

Ela inclinou a cabeça para trás e, em seguida, virou-se ligeiramente para olhar para ele. — Eu aprendi a ser assim com você - ela disse a ele.

De repente, seus lábios estavam nos dela, quente e úmido enquanto sua língua entrou em sua boca com paixão e necessidade.

O beijo estava eletrificado, ela propositadamente deixou cair à toalha em torno de seu corpo. Ela não queria que houvessem nada entre eles mais nada.

Elijah apertou-se contra ela por trás, enquanto a beijava com mais fervor.

Ela gemia baixinho enquanto sua língua continuava a deslizar dentro e fora de sua boca. Suas mãos corriam para cima e para baixo sua pele nua enquanto eles continuaram a beijar por um longo tempo.

Tudo era lento e suave, porque Elijah não parecia querer apressar nada ou talvez ele não quisesse machucá-la. Ela não tinha certeza por que ele estava levando tudo tão lento, mas ela estava adorando.

Suas mãos estavam em todos os lugares, e ela queria que ele fizesse tudo o que quisesse com ela. Logo, sua mão estava entre suas pernas, ela engasgou



enquanto o prazer continuou a crescer, e crescer, e crescer. Ela sentiu em suas costas e deixou Elijah trabalhar sua magia sobre ela e logo ela estava gozando.

Ele a beijou novamente, permitindo-lhe ter tempo para acalmar-se da excitação.

Ela estava respirando pesadamente, seu peito subindo e descendo. — Eu estou fora de forma - ela riu.

— Você passou por muita coisa - ele sussurrou, acariciando seus cabelos. Seus olhos viraram para ela com atenção total que Caelyn sentiu a devoção total.

Mas como ele pode cuidar tanto de mim? Ela perguntou-se. Será possível que eu estou imaginando tudo isso, que eu vou acordar um dia e descobrir que estava errada sobre ele?

Ela não via como isso poderia acontecer. Elijah havia provado uma e outra vez.

E o fato era, ela queria ele mais do que nunca. Ela não se importava que estivesse cansada e dolorida, ainda se recuperando do acidente. Caelyn estendeu a mão e pegou a calça jeans, abriu a braguilha, sem mesmo dizer uma palavra sobre isso.

Primeiro, Elijah pareceu surpreso, mas depois um olhar diferente surgiu em seu rosto, quando ela começou a usar a mão sobre ele.

—Tem certeza? - Ele perguntou.

Caelyn sorriu maliciosamente para ele. — Eu não estou tão fora de forma - disse ela. E então ela deslizou-se para baixo, e começou a usar mais do que apenas sua mão.

Na manhã seguinte, eles tiveram que se levantar cedo para tomar banho, se vestir e comer. Em seguida, eles entraram no carro e foram para o primeiro dia de Caelyn na clínica de reabilitação.

O Centro de Reabilitação Física Howard Leonard era um grande edifício, com



estacionamento próprio para os parceiros do hospital. As vagas já estavam completas quando chegaram, pouco antes das nove horas.

— Chegarei mais próximo do portão, com você - disse Elijah, como se ele parecesse prestes a se encontrar um lugar para estacionar que era algumas vagas ainda mais para trás, do que ela teria gostado.

Elijah se voltou para ela. — Vamos lá, agora. Você deveria estar recebendo exercício e andar mais. É por isso que estamos aqui.

— Sim - ela disse, seu estômago apertou. — É por isso que *eu estou* aqui para fazer *minha* reabilitação. Mas é o meu primeiro dia e eu provavelmente vou me sentir como se eu estivesse morrendo, então a última coisa que eu quero fazer agora é andar mais alguns passos para a entrada.

— Ok, ok, eu ouvi. Apenas relaxe.

— Eu vou relaxar quando o dia acabar. - Ela não queria ser rude com ele, mas ela tinha lido algumas coisas na internet que a tinham feito nervosa sobre a reabilitação.

Supostamente ela poderia ser realmente horrível em primeiro lugar, porque eles realmente empurravam seus limites.

Elijah encontrou uma vaga de estacionamento mais próxima e, em seguida, eles saíram do carro e fizeram o seu caminho lentamente para dentro. Elijah anunciou a sua presença para a recepcionista então sentou-se na sala de espera e mataram o tempo.

Caelyn leu uma revista *In touch* do ano anterior, folheou as páginas sem realmente ler nada. Ela estava surpreendentemente nervosa, como se estivesse prestes a competir nas Olimpíadas ou algo assim.

Borboletas voaram no estômago, as mãos suaram, sua boca secou, Elijah pareceu sentir sua ansiedade e ele apenas brincou em seu telefone celular, sem tentar falar com ela.

Finalmente, a porta para a sala de espera se abriu, um homem saiu e chamou o seu nome.



— Eu estou bem aqui - disse ela, acenando para ele, quando Elijah levantou-se para ajudá-la a se levantar.

O homem correu para o lado dela e começou a ajudá-la a ficar em pé, Elijah deu um passo atrás para assistir.

— Ok, não é fácil - disse o cara atarracado, com o cabelo loiro caindo na frente de seu rosto, ele dobrou os joelhos e segurou suas mãos. — Dobre esses joelhos, Caelyn. Muito bem.

Ela mordeu o lábio inferior e, finalmente, levantou-se em linha reta. Suas pernas já estavam tremendo e ela sentiu isso. — Eu não estou tendo um grande dia - disse ela.

— Você o fez incrível - o homem disse a ela. Ele estava a poucos centímetros mais próximo do que Elijah, mas muito mais musculoso, quase como um construtor do corpo. Ele tinha um pescoço do tamanho de um tronco de árvore, e os seus braços e pernas estavam praticamente arrebentando seu uniforme do hospital. — Eu sou Knox, por sinal.

— Prazer em conhecê-lo - disse ela.

— Eu sou Elijah, o namorado dela - disse Elijah, olhando para Knox e, em seguida, estendeu a mão.

— Ah, é? Doce - Knox apertou a mão de Elijah vivamente. Ele desviou o olhar de Elijah, de volta para Caelyn. Os olhos de Knox eram intensos e ele tinha uma energia hipercontagante.

— Eu acho que é hora - ela suspirou.

— Não se preocupe, isso não vai ser qualquer coisa que você não pode lidar - Knox disse a ela.

— Eu li algumas histórias de horror online - ela admitiu, rindo timidamente.

— Oh não, nunca faça isso de novo - disse Knox, jogando a cabeça para trás e balançando-a, os seus cabelos loiros chicotearam contra o rosto dele. — Por favor, me prometa que você não vai se torturar com buscas na internet. Há tanta



coisa mal informada lá fora.

— Ok, eu não vou - ela riu, sentindo-se um pouco mais à vontade agora.

Elijah estava apenas olhando para o chão, com os braços cruzados.

— Então, você está pronta para começar? Não há tempo como o presente - disse Knox.

— Eu estou pronta - disse ela, balançando a cabeça, começando a andar lentamente em direção a porta da clínica de reabilitação.

Quando Elijah começou a ir com ela, Knox o deteve. — Oh, nós normalmente não permitimos amigos e familiares a frequentarem as sessões - disse ele.

— Bem, eu vou com ela - disse Elijah, curvando os ombros e franzindo a testa teimoso.

— Eu entendo totalmente, homem - disse Knox. — Mas a coisa é, eu tenho um trabalho a fazer lá dentro, assim faz Caelyn. Mas você está indo só para estar no caminho e você vai ser como uma distração.

— Eu vou ter certeza de não ser uma distração - disse Elijah de ânimo leve, mas Caelyn poderia dizer que ele estava realmente incomodado.

Ela olhou para Knox, que parecia mais do que feliz em deter Elijah, se ele precisasse.

Caelyn não tinha a intenção de deixá-lo ir mais longe. — Você sabe, eu estou um pouco nervosa e ele me ajudaria se viesse comigo. Tudo bem? - ela perguntou.

Knox deu a Elijah outra longa olhada. — Claro, eu acho que sim. Não é apenas ideal. Nós vamos estar trabalhando muito intensamente e é melhor não ter familiares ou amigos na sala enquanto você está fazendo terapia.

— Não é o tipo de terapia onde ela se deita em um sofá e fala sobre sua infância, embora - disse Elijah, seu sorriso era menos do que amigável.

— Não, não é esse tipo de terapia - disse Knox. — Mas ainda é pessoal.

— Sim, eu acho que ela vai ficar bem - disse Elijah.



— Ok, vamos. Seja meu convidado. - Knox liderou o caminho enquanto Elijah caminhou com Caelyn através das portas e para a clínica de reabilitação.

Eles caminharam por um longo corredor e, em seguida, surgiu um quarto grande que a fez lembrar de um ginásio. A diferença era principalmente os diferentes tipos de equipamento, e, claro, a clientela.

Havia pessoas em cadeiras de rodas, pessoas com muletas, andadores, usando bastões.

Eles estavam fazendo todos os tipos de exercícios, a partir de levantamento de pesos, a sentar-se em esferas da aptidão ou simplesmente tentando andar. Algumas pessoas estavam suando em bicicletas estacionárias, enquanto uma pessoa foi correr na esteira com uma perna protética.

Caelyn olhou para a atividade, oprimida por tudo. Ela não podia se imaginar fazendo qualquer coisa que exigisse mais de um minuto ou dois.

Elijah pegou a mão dela e deu um aperto tranquilizador. — Acha que eu poderia vencer esse cara em uma corrida? - Ele sussurrou em seu ouvido, acenando para o homem na esteira.

Ela sorriu agradecida por ele. — Provavelmente não. Ele é muito rápido.

Knox bateu palmas, olhando para Caelyn e Elijah com uma expressão séria, mas amigável em sua cabeça grande. — Ok, vamos entrar nessa coisa. Estamos aqui para fazer fisioterapia e nem sempre é fácil. Falei com Monroe, que trabalhou com você em Boston City. Ela me deu o resumo e já elaborou um grande plano para você.

Caelyn assentiu, suspirando. — Estou pronta para experimentá-lo - disse ela, esperando soar mais confiante do que se sentia.

— Nós vamos começar com alguns exercícios simples para obter uma linha de base, tudo bem Caelyn? - perguntou Knox, agarrando uma prancheta e andando com viva eficiência militar até um banco nas proximidades.

Caelyn e Elijah caminharam até o banco onde ele estava esperando. Logo, Knox estava colocando Caelyn através de um conjunto de exercícios e cada um



deles foram esgotando.

Depois de apenas 15 minutos, ela sentiu como se estivesse indo para vomitar.

— Eu me sinto acabada - disse ela, depois que ele fez algumas prensas no ombro com três quilos sinos mudos.

Knox veio para o lado dela e colocou a mão em suas costas e esfregou-a levemente. — Você está indo muito bem, garota. Você realmente está.

Caelyn olhou para cima, para ver Elijah se levantar da cadeira em que estava sentado e caminhando até Knox. — Eu acho que você e eu precisamos conversar - disse ele, em tom casual.

Knox olhou para ele. — Não agora - disse ele, olhando para Caelyn. — Ouça, Caelyn, você pode fazer isso. Você está com medo é tudo, o que é natural.

— Hey - Elijah rosou. — Eu disse que eu quero falar com você.

Knox endireitou-se e olhou para Elijah. — Você vê, é por isso que eu disse que não era uma boa idéia de ter você aqui.

Caelyn estava preocupado com o que Elijah ia dizer para Knox. E ela também estava preocupada, porque Knox não parecia ser o tipo de cara que iria entender que Elijah falava sério. Elijah poderia ser perigoso, se ele fosse provocado.

— Elijah - ela disse, — Está tudo bem. Eu estou bem.

— Eu só quero falar com o seu treinador, vai levar dois segundos.

— Eu não sou um treinador, eu sou um fisioterapeuta.

— Tanto faz. Vamos - disse Elijah e começou a caminhar para fora da sala.

Knox voltou para Caelyn. — Será que o seu namorado sempre age assim?

— Às vezes - ela admitiu. — Só não discuta com ele.

Knox revirou os olhos e, em seguida, desfilou após Elijah. Caelyn estava preocupada que algo ruim estava para acontecer, a luta seria o pior. Ao mesmo



tempo, ela estava tão cansada que estava contente por ter uma pausa da reabilitação.

Ela sentou-se no banco e, lentamente, sua pulsação caiu e sua respiração voltou ao normal. O suor começou a secar em sua testa.

E, em seguida, Elijah voltou para dentro da sala, seguido por Knox, que parecia um pouco perplexo. Havia algo diferente em sua atitude e ele não estava tão altivo. Quando ele voltou para onde estava sentada Caelyn, Knox deu um breve sorriso. — Como está se sentindo? Você está bem?

— Sim, eu estou melhor.

Elijah se aproximou e sentou-se numa cadeira a poucos metros de distância e bocejou, puxando o seu telefone.

— Ok, vamos fazer mais alguns exercícios - disse Knox. Ele não estava olhando para ela e ele parecia fraco.

— Tudo bem? - ela perguntou.

— Sim, está tudo bem. - Ele olhou para o relógio e iniciou com um novo exercício. Mas Caelyn não pode deixar de notar que ele não a empurrou tão duro, ele nunca a tocou além dos exercícios, ela estava trabalhando com ele aquele dia.

Quando Knox deixou-os ir, Caelyn acenou e Knox apenas virou as costas e caminhou para o outro lado.

Uma vez que eles deixaram o prédio, Caelyn olhou para Elijah. — O que você disse a ele?

— Para quem? Knox?

— Ele estava agindo estranho depois que ele voltou para dentro, depois de sua palestra.

Eles foram ao carro de Elijah. Quando Elijah fechou a porta, ele sorriu para ela. — Você nem mesmo percebeu que você entrou no caminhão e fechou a porta sem a minha ajuda.

Ela parou e pensou sobre isso. — Você está certo, eu fiz. - Ela sorriu. — Eu



acho que a reabilitação realmente ajuda, né?

Elijah ligou o carro e saiu do estacionamento, assobiando baixinho enquanto eles saíram.

— Estou morrendo de fome - disse ele.

— Você não respondeu minha pergunta.

Ele olhou para ela. — Nós tivemos uma pequena conversa de homem para homem. Nada demais.

— Sim e o que foi que você disse a ele?

— Eu disse a ele que se ele esfregasse as suas costas de novo, ele iria precisar de reabilitação para cinco dedos quebrados.

— Elijah, por favor, me diga que você está brincando.

— Eu estou brincando.

— Você está?

Elijah balançou a cabeça. — Você me disse para dizer que eu estava brincando, então eu fiz.

— Olha, você não pode ameaçar pessoas assim. Knox não fez nada de errado.

— Eu estava ficando desconfiado que ele estava sentimental com você.

— Ele é um fisioterapeuta. Esse é o seu trabalho.

Elijah sorriu. — É tudo de bom. Nós fomos resolver a merda e agora tudo está claro como pode ser.

Caelyn suspirou, colocando os dedos em sua têmpora e esfregando. Ela estava ficando com dor de cabeça. — Prometa-me que você não vai fazer nada como isso de novo. Você precisa se acalmar.

— Eu não posso prometer isso. Se um cara sair da linha com você, ele vai se ver comigo.

Ela não disse mais nada. Era claro que ele estava sendo totalmente louco com Knox, mas, novamente, o fisioterapeuta talvez tivesse atravessado uma linha,



mesmo que apenas um pouco. E Caelyn não pode deixar de sentir-se protegida, com alguém como Elijah olhando por ela.

Depois do que tinha acontecido com Jayson, ela meio que gostava da atitude super protetora de Elijah.

Eles estavam prestes a puxar em sua garagem quando Elijah soltou uma explosão de raiva sussurrando. — Que porra...

O caminhão diminuiu a um impasse.

Parado em sua garagem tinha um sedan escuro com vidros fumê.

— Quem é esse? - Perguntou Caelyn nervosamente.

— É o meu pai.

— O que você vai fazer?

— Eu não sei. - Ele olhou por um longo momento.

Só então, a porta do lado do motorista do sedan abriu e o pai de Elijah saiu do carro. Ele estava usando o que parecia ser uma tampa irlandesa em sua cabeça, mas ainda usava a mesma velha jaqueta de couro e botas de cowboy. Ele balançou a cabeça em sua direção.

— Foda-se - disse Elijah, e encostou-se na calçada.

— Estamos seguros - ela perguntou.

— Eu acho que sim.

Eles estacionaram o carro e, em seguida, Elijah saiu em primeiro lugar, se aproximando de seu pai e não disse nenhuma coisa sobre Caelyn colocar um pé fora do caminhão.

Ela tentou correr, porque ela queria saber o que estava acontecendo. Ela estava com medo de Elijah perder a paciência ou talvez o pai de Elijah perder a sua, de qualquer forma, ela não gostou nem um pouco.

Caelyn mancou até onde os dois homens estavam de pé.

— Acho que devemos conversar lá dentro - Gabe estava dizendo quando ela



se aproximou. Então ele se virou para Caelyn. — Eu estou contente em vê-la sobre seus pés.

— Não graças a você - respondeu Elijah rigidamente.

Os olhos de seu pai se estreitaram quando ele olhou para o filho, mais uma vez. — Não fui eu quem bateu seu carro.

— Mas você era a pessoa que pegou a arma e o dinheiro para fora do carro em vez de tentar ajudar-nos.

— Lá dentro - Gabe respondeu, com o queixo saliente enquanto olhava ao redor. — Você tem vizinhos em todos os lados. Eu não acho que eles precisam ouvir nosso negócio privado.

— Eu não tenho nada para lhe dizer.

— Talvez não, mas eu tenho algo a dizer e você vai ouvir.

Tão irritado como ela tinha visto Elijah chegar, Gabe tinha uma intensa energia escura com ele que parecia muito mais sinistra e ameaçadora. Ela queria que ele saísse de sua casa, mas ela sabia que se Elijah se recusasse a falar com ele, as coisas só iriam piorar.

Antes que Elijah pudesse recusar, Caelyn sorriu. — Por que você não entra? - Disse. — Tome uma xícara de café ou algo assim.

— Isso seria ótimo. Obrigado.

Elijah olhou para ela. — Esta é uma má idéia - ele sussurrou.

— É o seu pai. Temos que ouvir.

Ele balançou a cabeça. — Tanto faz. - E então ele os levou até a passarela.

— Eu só preciso pegar algo no carro, eu vou estar próximo - Gabe disse a eles.

Elijah lançou-lhe um olhar, e revirou os olhos. — Está tudo bem. Nós não temos nada melhor para fazer do que esperar por você.

Gabe se virou e voltou para o seu carro, enquanto Elijah ajudou Caelyn no



resto do caminho até a escada e entrar na casa.

Uma vez lá dentro, ele olhou pela janela da frente. — O que diabos ele está pegando em seu carro?

— Você não acha que ele está pegando uma arma, não é? - Perguntou Caelyn.

— Não, se ele estava pensando em fazer algo assim, ele não faria isso por agora.

— Mas ele não iria machucá-lo.

Elijah riu amargamente. — Essa é uma suposição legal.

— Você acha que ele te machucou?

— Isso depende - Elijah respondeu, ainda olhando para fora da janela. Seus olhos se arregalaram quando o pai saiu do carro carregando uma bolsa marrom.

— O que é isso? - Disse Caelyn. Seu primeiro pensamento foi uma bomba.

— Isso é chamado de uma oferta de paz.

— O que está nela?

— Dinheiro de sangue. Literalmente. - A boca de Elijah foi arrastada para uma linha reta quando seu pai bateu na porta e imediatamente entrou sem esperar por uma resposta.

Ele segurou o saco marrom na dobra do seu braço e roçou os pés no tapete de boas vindas.

— O que, sem café? - Perguntou Gabe, seus olhos voando para Caelyn.

— Eu vou fazer algum - disse ela, mas Elijah levantou a mão para ela.

— Espere um pouco. - Ele cruzou os braços e virou-se para Gabe. — O que você quer?

— Eu acho que nós temos que acabar com essa loucura - disse Gabe. — E aqui está um gesto para mostrar que estou falando sério. - Ele se abaixou e colocou a bolsa no chão, em seguida, usou a ponta da bota cowboy para empurrá-la alguns metros em direção a Elijah.



Elijah apenas olhou para ele. — Esse é o dinheiro, não é? O dinheiro que você tomou do meu carro após o acidente?

— O dinheiro que você roubou de Jake.

— O que ele roubou do meu apartamento.

Gabe sorriu. — Não vamos procurar defeitos. Há algo a mais em cima do que Jake tirou de seu apartamento, como um bom sinal de fé.

— Eu acho que Jake se sente mal por eu levar um tiro - disse Elijah. — Diga a ele para ir se foder.

— Jake não atirou em você - disse o pai.

Caelyn sentiu um arrepio de medo na espinha, como se ela já soubesse o que estava por vir.

Ela só esperava que Gabe poderia decidir não contar.

— Então quem foi?

— Isso não importa. Leve o saco. Use-o como quiser. E então, talvez em um mês ou dois, podemos falar de novo, nós três.

Elijah ajoelhou-se, rapidamente abriu a bolsa e olhou para dentro. — Você ainda me deu de volta a minha arma.

— É sua. Nós queremos que você tenha o que é seu, Elijah.

— Obrigado - disse Elijah, em pé. — Eu vou pegar o dinheiro e a arma. Mas eu não quero vê-lo ou Jake novamente. Está tudo acabado entre nós.

Caelyn olhou para Elijah. — Você não pode pegar esse dinheiro - disse ela.

Elijah voltou sua atenção para ela. — Por que não?

— Porque é dinheiro sujo. Eu não quero nada disso à nossa volta mais, você prometeu que ia parar.

— Eu não iria roubar, ele está me dando de volta o que é meu.

— É o direito de Elijah - Gabe disse, enquanto seus olhos redondos, entediados pousaram em Caelyn. — Além disso, este é um assunto de família.



Você não deve falar sobre coisas que não lhe dizem respeito.

— Isso diz respeito a ela - Elijah disse a ele. Ele usou seu pé para chutar o saco de volta para seu pai. — E se Caelyn não quer que eu o pegue, então eu não vou pegá-lo.

Gabe bufou. — Vocês são um casal de filhotes brincando de ser adultos.

— Quão adulto é roubar um monte de dinheiro para fora do meu carro, quando eu e minha namorada estamos sangrando até a morte dentro?

— Os policiais e ambulâncias estavam a caminho. Se tivéssemos deixado as coisas você estaria na cadeia agora - seu pai rosnou. Seu rosto tinha crescido manchado com raiva. — Você não pensa sobre o problema maior Elijah. E parece que nem sua amiga pensa.

— Você deve ir - disse Elijah. — Obrigado, mas não.

— Eu estou deixando essa bolsa. Se você não quer o que está dentro dela, jogue-a fora.

— Tudo bem, vamos jogá-la fora - Caelyn disse a ele. E ela quis dizer isso. Ela estava cansada de ouvir o pai de Elijah tentar intimidá-lo.

Gabe sorriu friamente para ela. Sua voz era calma quando falou diretamente com ela, sem olhar ou parecendo não se importar que Elijah estava ali. — Você pode jogar o dinheiro fora, mas se você pensar por um segundo sequer que você pode ficar entre mim e meu filho, você está muito enganada.

— É decisão de Elijah, não minha - disse ela.

— Você sabe quem atirou Elijah? - Seu pai perguntou-lhe. — Eu sei. - Ele sorriu com a reação dela em horror. — Eu atirei nele, porque ele estava fazendo a coisa errada. Temos um código de honra nesta família e Elijah não está cumprindo.

Elijah estava rígido e imóvel ao lado dela.

— Você poderia tê-lo matado - disse Caelyn, com a voz trêmula. Sentia-se fraca. O homem que ela estava falando era pior do que um animal.

— Entenda que eu não teria qualquer prazer em machucar o meu próprio



filho. Eu fiz o que tinha que fazer para o bem maior. Mas pense sobre isso. - Seu olhar se intensificou ainda mais. — Se eu estou disposto a colocar uma bala no estômago do meu próprio filho, o que eu faria para uma garota que eu nem sequer conheço?

Houve um longo e prolongado silêncio depois que ele disse isso.

Caelyn estava atordoada. O pai de Elijah tinha acabado de fazer uma ameaça para a segurança dela diretamente em sua cara, bem na frente de Elijah.

E a coisa era, ela sabia que ele estava completamente sério. Ele estava basicamente dizendo que ele iria machucá-la se achasse que ela estava envenenando a relação de Elijah com sua família.

Machucar-me? Ele mais ou menos disse que iria me matar.

Ela não podia nem olhar para ele, não podia falar. Seus olhos tinham o mesmo olhar morto neles que os olhos de Jayson tinham. Um predador que iria fazer o que quisesse, a quem ele queria, enquanto servisse as suas necessidades.

— Eu acho que talvez eu vá tomar o... o presente... - disse Elijah suavemente.

Caelyn ficou surpresa e assustada. Ela nunca o tinha visto tão intimidado antes. Sua linguagem corporal era como a de uma criança que tinha sido castigada em sua apresentação.

— Você deve tomá-lo - disse Gabe, observando-o, carrancudo ainda. — Tomá-lo e aceitar a oferta de paz que vem com ele.

Elijah assentiu, curvando-se e pegando o saco. Ele olhou se desculpando por Caelyn, quando ele lentamente abriu. — Meu pai nos deu um monte de dinheiro aqui, Caelyn. - Havia pilhas e pilhas de notas mantidas juntas por elásticos. Havia também uma arma, a mesma arma que Elijah tinha mantido no porta-luvas de seu carro, antes do acidente.

Ela balançou a cabeça, com lágrimas brotando de seus olhos. — Eu realmente queria que você não fizesse isso.

— Um dia você vai entender por que eu tenho que fazer isso - disse Elijah,



olhando dentro.

— Ela vai entender quando você explicar a ela corretamente - disse o pai. —
Esse é o seu trabalho, meu filho.

— Eu sei - disse Elijah, acenando com a cabeça. — Eu sei que você está certo.
- E então, com a rapidez de um gato selvagem, ele arrancou a arma da bolsa e saltou para frente, balançando o punho duro na barriga de Gabe.

Seu pai fez um barulho de grunhidos altos e estava cheio de dor e caiu de joelhos.

Elijah pegou o queixo de Gabe e pressionou em seu rosto até o topo de sua cabeça bater a porta.

Então Elijah levou o cano da arma sob o queixo de seu pai e segurou lá. —
Seu velho, fodido idiota, eu deveria estourar seus miolos e deixá-lo apodrecer.

— Faça isso então - disse o pai, com os dentes cerrados.

Caelyn soltou um gemido doente. — Não Elijah ... por favor não ...

Os braços de Elijah estavam tremendo de raiva, de modo que ela sabia que ele estava agindo. Ele estava falando sério e ele estava lutando com sua decisão. —
Eu sei que se eu deixá-lo ir, você vai tentar nos prejudicar. E eu não vou deixar ninguém te machucar Caelyn, o que significa que eu tenho que matá-lo.

Os olhos de seu pai rolaram descontroladamente em sua cabeça, quando Elijah empurrou a arma mais forte em seu queixo.

— Mate-me - disse Gabe. — Se você tem a coragem de fazê-lo. Faça-o.

— Você gostaria que fizesse isso. Você gostaria de qualquer coisa que me faça ser o mesmo tipo de criminoso doente que você quer que eu seja. - Ele puxou a arma e deu um passo para trás, respirando pesadamente. — Saia da minha casa e leve o dinheiro com você.

Seu pai ficou lentamente em pé. Ele tinha uma enorme marca vermelha em sua mandíbula a partir da pressão do cano da arma. Seus olhos estavam ainda mais loucos do que tinha olhado antes. Ele pegou a bolsa, que tinha caído ao seu



lado.

Gabe enfiou-a debaixo do braço, com um sorriso estranho, como se ele tivesse sabendo de alguma coisa. — Bom te ver de novo, filho. E a sua namorada linda.

— Saia - Caelyn avançou agora. Ela estava com tanta raiva que poderia tê-lo matado. — Ele é muito bom para você. Você não merece Elijah em sua vida.

— É isso mesmo, menina. Continue a pensar que sabe tudo - Gabe riu, quando abriu a porta e começou a esgueirar-se.

— Se alguém tentar machucá-la, eu vou fazê-los sofrer. É uma promessa - Elijah gritou a ele.

Gabe deu uma pequena risada, mas não olhou para trás. Eles assistiram quando ele entrou em seu carro e foi embora.

Caelyn estava tremendo e Elijah pôs os braços em volta dela.

— Será que vai acabar? - Ela perguntou a ele.

— É claro - Elijah disse a ela, pressionando os lábios em sua testa. — Eu vou ter a certeza disso.

Mas ela não tinha certeza se acreditava mais nele.

Caelyn estava muito desgastada de tudo que passou, não fez nada, só deitou no sofá e assistiu TV pelo resto do dia.

Elijah tomou conta dela, fazendo a comida e levando-a água e chá, quando necessário.

Ela poderia dizer que ele estava preocupado com ela a partir do olhar em seu rosto. — Eu estou bem - ela disse a ele em um momento — Só cansada, é tudo.

Ele sorriu, sentou-se na beira do sofá. — Não se preocupe com o meu pai. Eu posso cuidar dele.

— Eu não estou preocupada - ela mentiu. — Eu só preciso fazer uma pausa



mental e física. Amanhã eu tenho que voltar e fazer tudo de novo.

Elijah escovou os cabelos da testa e ela fechou os olhos.

— Só durma - disse ele. — Descanse

- Sim. Descansar. - Ela suspirou e adormeceu.

Quando ela acordou novamente, era muito mais tarde e ela estava sendo levantada do sofá por Elijah. Parecia que ele a levava tão facilmente como se ela fosse uma criança em seus braços.

— Eu posso andar - ela murmurou.

— Mas você não precisa. Não esta noite, de qualquer maneira.

Ela sorriu para si mesma, sentindo-se consolada de uma forma muito primitiva. Era quase paternal, o jeito que ele a levou para o quarto.

Ele colocou-a na cama e, em seguida, subiu ao seu lado, segurando-a com força contra ele, com a cabeça apoiada em seu peito, ouvindo seu batimento cardíaco estável.

Quando ela adormeceu, ela poderia jurar que ouviu um sussurro em seu ouvido. Talvez fosse sua imaginação, talvez tenha sido um sonho.

"Eu te amo".

— Você está tranquila esta manhã - disse Elijah, enquanto caminhavam para o carro na manhã seguinte, com duas xícaras de café, enquanto Caelyn apenas tentava colocar um pé na frente do outro.

— Meus músculos estão doloridos - disse ela, que era muito verdadeiro. Mas não era a razão de seu comportamento tranquilo.

A verdade era que ela tinha acordado naquela manhã com as palavras de Elijah soando em seus ouvidos ainda. Apenas, ela não tinha certeza se ela tinha ouvido corretamente ou imaginado. Caelyn queria desesperadamente perguntar a ele, mas e se ouviu errado?



Seria embaraçoso para ambos.

Ela queria que ele o dissesse e ela queria dizer de volta para ele também. Mas a coisa era que ela não sabia de qualquer maneira se realmente queria discutir o assunto.

Talvez ele tentou dizer isso de novo.

Sim. Mas o fato de que ele esperou até que pensasse que estava dormindo (se ele mesmo disse) fez parecer improvável que ele diria isso de novo tão cedo.

Ela tomou um gole de café e tentou agir normalmente durante todo o caminho para a clínica. Mas Elijah não parava de olhar para ela, como se ele soubesse que algo estava em sua mente.

Eles chegaram a clínica e foram chamados para a sessão de reabilitação. Knox estava lá, na organização de algumas séries para Caelyn usar em seu treino. Ela já estava nervosa com as borboletas no estômago, antecipando o doloroso esforço que ela estaria fazendo nessa manhã.

Knox olhou para cima de onde ele estava ajustando um banco de peso. —
Você tem um visitante - disse ele.

No início, pensou que ele queria dizer a Caelyn sobre Elijah. Mas isso não fez qualquer sentido, porque Elijah estava com ela e estava com ela no dia anterior também.

Foi quando ela viu alguém se inclinando, bebendo da fonte de água do outro lado da sala. O rosto da pessoa estava oculto, mas era muito familiar. No início, era como se a mente de Caelyn se recusasse a processar quem era.

E então a pessoa se endireitou e se virou, acenando alegremente.

— Você tem que estar brincando comigo - Elijah murmurou.

— Deena - Caelyn gemeu.

O que ela estava fazendo lá?

— Eu vou dizer a ela para sair, se você quiser - disse Elijah, movendo-se como se para interceptá-la antes que ela pudesse chegar a Caelyn.



— Não, está tudo bem. Eu posso lidar com ela.

Ele parou e enfiou as mãos nos bolsos. — Tem certeza?

— Sim, eu tenho certeza.

Deena veio dançando até eles, com um sorriso enorme no rosto. — Então, eu me encontrei com o seu treinador, Knox - ela disse, com os olhos arregalados, como se a sugerir que ela o achava muito bonito.

Knox olhou para cima. — Sua irmã está muito orgulhosa de você, Caelyn.

— Ela está, né? - Disse Caelyn, observando de perto Deena. Deena estava agindo de maneira muito feliz e amigável.

— O que, eu não posso ter orgulho da minha irmã mais velha agora?

— Você pode, só é muito estranho - Caelyn sentou-se e tentou descansar suas pernas doloridas.

— Ouça - disse Deena, puxando um fio de cabelo perdido atrás da orelha. — Eu sei que as coisas têm sido uma loucura entre nós. Entre todos nós. Mas a coisa é, eu estou ficando mais velha e percebi no outro dia, que essa rixa que estamos tendo é ridícula.

Caelyn levantou uma sobrancelha. — Será que mamãe mandou você?

— Pare de ser tão paranóica, Caelyn. - Deena pôs as mãos nos quadris. — Ninguém me enviou. Eu queria vir e vê-la. Eu quero estar aqui para você.

— Bem, isso se sente estranho.

— Estranho?

— Falso. Você disse um monte de coisas sobre mim para mamãe e papai. Você mentiu sobre mim e sobre Elijah e agora eles o odeiam.

Deena se ajoelhou na frente dela. Os grandes olhos de Deena eram maiores do que o normal, seus lábios tremiam enquanto ela falava. — Eu sei que tenho sido uma irmã má - disse ela.

Caelyn olhou para Elijah, que apenas revirou os olhos.



Mas Deena continuou, com a voz cheia de emoção. — A coisa é, eu fiquei tão brava com você por tanto tempo. Você não tem ideia.

Knox parecia que estava muito bem em terminar a configuração para o seu treino. Ele olhou incerto para eles. — Nós provavelmente devemos começar.

Caelyn olhou para a irmã. Deena pareceu ser sincera, mas Caelyn estava tendo dificuldade em entender o que tinha trazido a súbita mudança de coração.

— Olha, eu preciso fazer este treino. Podemos falar mais tarde?

Deena assentiu, enxugando os olhos. — Sim. Claro. Eu só estou sendo melodramática.

— Eu quero falar. Depois que eu fizer?

— Claro. - Deena sentou perto, com sua bolsa pendurada no ombro, tirou seu telefone celular e começou a enviar mensagens.

Elijah tirou o casaco e levantou-se para ajudar a dar Caelyn encorajamento enquanto ela trabalhava fora.

Knox estava do outro lado dela, orientando-a através das diferentes estações de treino. — Este é essencialmente um regime de circuito, assim como o que você pode fazer em qualquer ginásio. Eu simplesmente adaptei-os para as suas necessidades, Caelyn.

Ela pensou que ele também adaptou-os para torná-la o mais cansada e desconfortável possível. Se ela estava na bicicleta estacionária, ou fazendo pressas no ombro com três quilos peso, ou tentando fazer uma meia dúzia de abdominais, parecia que ela estava constantemente à beira de fadiga total e falha muscular.

O suor escorria pelo seu rosto após apenas a primeira rodada do treinamento no circuito. E então Knox deu uma pausa de três minutos para beber um pouco de água, depois ele a fez iniciar o circuito novamente.

Enquanto ela estava bebendo água, Deena deu-lhe um grande 'polegar. — Estou tão orgulhosa de você! - Disse.



— Obrigada - disse Caelyn e depois bebeu o resto de sua água engarrafada. Elijah se ajoelhou ao lado de Caelyn e massageou suas panturrilhas. Ela olhou para ele e sorriu.

— Você é meu herói.

Enquanto ele trabalhava sobre seu músculo da panturrilha mais dolorido, ele sorriu de volta para ela. — É mútuo, garota. Você está detonando.

— Eu estou recebendo minha bunda chutada, é mais parecido com isso.

— O tempo acabou - disse Knox, batendo palmas e colocando as mãos para trás como um sargento.

— Eu vou correr para o banheiro - disse Elijah. — Você está bem?

Ela assentiu com a cabeça. — Eu estou bem. Eu estou bem. Você pode me deixar em paz por cinco segundos, você sabe.

— E o que dizer a ela? - Disse ele, acenando com a cabeça na direção de Deena.

Caelyn olhou disfarçadamente para a irmã, que estava enviando e recebendo mensagens de texto em seu telefone, alheia ao mundo ao seu redor. — Ela é chata, mas tudo bem.

—Tudo bem. Eu estou apenas sentindo uma vibração estranha. Eu não confio nela.

Elijah foi ao banheiro e Caelyn voltou para o treinamento do circuito. A próxima vez foi ainda mais difícil. Em determinado momento, ela parou no meio de fazer um conjunto de polichinelos, certa de que ia vomitar, mas a sensação passou.

Depois do que pareceu uma eternidade, a sessão finalmente chegou ao fim.

— Você foi incrível - disse Knox, sorrindo, mas contido. Ele não a tocou ou ofereceu-se tanto como um high five. — Vejo você amanhã?

— Sim, absolutamente - respondeu Caelyn, acariciando seu rosto com uma toalha.



Deena aproximou-se dela imediatamente. — Estou totalmente chocada com o quão duro você está trabalhando, mana.

— Obrigada, sis (sister) - Caelyn riu, se esforçando para não demonstrar sua impaciência. — Olha, eu sei que eu disse que poderíamos conversar depois do meu treino, mas eu estou muito desgastada. Posso obter uma liberação?

— Oh, totalmente - disse Deena, acenando para ela. — Eu precisava ir para casa de qualquer maneira. Mamãe e papai querem fazer o almoço, então...

Um breve sentimento de decepção e rejeição lavou através Caelyn, quando ela imaginou sua família se reunir para uma refeição sem convidá-la. Mas então se lembrou de que ela não iria querer se juntar a eles de qualquer maneira.

Não depois de tudo o que haviam dito e feito.

— Talvez a gente possa falar ao telefone no final desta semana - Caelyn ofereceu, mas sabia que isso não ia acontecer.

— Definitivamente. Eu vou te enviar mensagem. - Deena se inclinou e lhe deu um abraço. — A verdade é que eu me sinto tão triste por você - ela sussurrou.

A testa de Caelyn franzida. — O quê?

— Tenho que correr - Deena riu, então rapidamente saiu da clínica.

Elijah vestiu a jaqueta e veio andando ao lado Caelyn quando sua irmã foi para fora da sala. — O que tem com ela?

— Eu não tenho ideia. Mas ela disse algo estranho antes de sair.

— O que ela disse?

— Eu acho que ela disse que sentia pena de mim. Mas foi muito estranho. - Caelyn colocou a mão em sua barriga. Havia nós de tensão e uma estranha sensação de medo borbulhando dentro dela agora.

— Não deixe ela chegar até você. Ela só está tentando empurrar seus botões. - Ele pegou a mão de Caelyn e depois eles se dirigiram para a saída.

Em pouco tempo, eles tinham chegado na caminhonete e partiram para casa.



— Eu não consigo me livrar desse sentimento horrível - disse Caelyn.

Elijah deslocou o caminhão em velocidade alta à medida que pegaria a estrada principal. — Por causa de sua irmã?

— Eu, eu não tenho certeza.

Ele suspirou. — Você provavelmente está apenas fisicamente e mentalmente esgotada novamente. Você tem trabalhado muito duro.

— Talvez - disse Caelyn, duvidosa. Havia algo de errado. Deena veio por uma razão, e se ela conseguisse descobrir o que era...

— Eu estou seriamente impressionado com o quão bem você está lidando com isso - disse Elijah. — Ninguém poderia acreditar em quão rapidamente você se recuperou. Nem os médicos, ninguém.

— Obrigada - ela disse a ele. — Eu só quero impressioná-lo, no entanto - ela brincou.

Ele olhou para ela por um longo momento. — Você pode fazer mais do que me impressionar, Caelyn. Eu respeito você, a sua força, o quanto você se importa e do tipo de pessoa que você é.

Enquanto ele falava, Caelyn olhou no espelho lateral do carro e percebeu um carro da polícia chegando por trás. Era um ou dois carros ainda longe deles.

Provavelmente não é nada.

Mas ela não conseguia afastar aquela sensação horrível em seu intestino.

— Eu estive pensando sobre o quanto você significa para mim - continuou Elijah. — E eu tenho que dizer uma coisa. É algo que eu digo que às vezes, quando você está dormindo, mas agora eu quero dizer a você de verdade.

Ela olhou para ele, sabendo que ele ia dizer às palavras que ela estava morrendo de vontade de ouvir.

Mas, assim que ele abriu a boca para dizer isso, uma sirene alta gritou atrás deles.

Ele olhou no espelho retrovisor. — Que diabos?



— Deena - disse Caelyn.

— O que você quer dizer? - Perguntou ele. — O que ela fez?

— Eu não tenho certeza. Mas ela fez alguma coisa. - Caelyn arruinou seu cérebro por uma resposta.

Ela sabia que era vital para descobrir isso, quando Elijah puxou para o lado da estrada e o carro policial parou atrás deles.

— Estou limpo - disse Elijah. — Sem armas, drogas, dinheiro, nada. Assim como eu prometi.

— Eu acredito em você - disse Caelyn. Ela mal podia respirar.

O policial saiu do carro e veio para eles, quando Elijah baixou a janela.

— Eu fiz alguma coisa errada, policial? - Perguntou Elijah, enquanto entregava ao policial a sua licença e registro.

— Você é Elijah Daniels? - Disse o policial, estudando a licença.

— Sim, senhor - Elijah parecia confuso.

— Você se importaria de sair do veículo, Sr. Daniels?

— Eu fiz alguma coisa?

— Eu tenho uma causa provável para suspeitar que você tenha algo roubado em sua posse, senhor. Agora saia, por favor, para fora de seu veículo. - O policial colocou a mão no cabo de sua arma.

Elijah balançou a cabeça. — Isso é loucura.

Caelyn estava muda, olhando-o como se estivesse em câmera lenta. Elijah saiu do carro e o policial começou a revistá-lo, perguntando-lhe se ele tinha algum tipo de droga, agulhas ou armas com ele.

Elijah disse que não.

Só então, o policial enfiou a mão no bolso da jaqueta de Elijah e tirou algo fora. — Senhor, você sabe a quem isso pertence? - Disse o oficial, mostrando a Elijah o que tinha puxado do bolso.



— Isso é... eu não peguei isso - disse Elijah.

— Mr. Daniels, por favor, coloque as mãos atrás das costas.

— Ela deve ter plantado em mim - disse Elijah.

— Ponha as mãos atrás das costas. Você está preso por posse de propriedade roubada.

Caelyn gritou. — Elijah!

Elijah virou-se e olhou para ela. — Deena colocou seu cartão de crédito no bolso da jaqueta - ele disse, com o rosto pálido. Parecia devastado de uma maneira que surpreendeu até Caelyn.

Ela nunca o tinha visto parecer tão derrotado antes.

— Mr. Daniels, você tem o direito de permanecer em silêncio - disse o policial.

Elijah riu amargamente. Ele olhou para Caelyn novamente. — Eu estou indo para a cadeia - disse a ela.

Ela não conseguia falar.

— Mas você sabe que eu te amo, não é? - Perguntou Elijah.

— Eu também te amo - disse ela, não tendo certeza que ele ouviu. O policial começou levando-o de volta para o carro patrulha.

Ela viu quando Elijah foi forçado a entrar no banco de trás. Ela podia ver sua silhueta escura dentro do carro.

Seu coração estava quebrado.

Ele finalmente disse as palavras.

E agora ele se foi.

Fim do livro 5